

## Sumário de março-abril de 2010

### **Vida espiritual**

- 82 Carta de 5 de março de 2010  
A todas as Filhas da Caridade  
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 84 Conferência de 25 de março: “A paz e os votos”  
Casa Mãe  
Padre Grégory, Superior geral
- 87 “*E o Verbo se fez carne, Ele habitou entre nós*” (Jo 1, 14)  
Conferência preparatória à Renovação dos votos  
Padre Javier Alvarez, Diretor geral
- 98 – Um olhar novo sobre a nossa vocação de Filha da Caridade à luz da encíclica  
*Deus caritas est*  
Irmã Catherine Prendergast, Filha da Caridade

### **Desafios atuais**

#### *Hoje, com os Fundadores*

- 108 Província da África Central (Rwanda)  
Os milagres existem  
A Comunidade de Mukungu
- 112 Província dos Camarões  
“Carregadas em asas de águias”, as Filhas da Caridade em Moutourwa  
A Comunidade de Moutourwa

### **Atualidades das Províncias**

#### *Nomeações*

- 117 Nomeação das Visitadoras e dos Diretores provinciais

#### *Testemunho das Irmãs*

- 119 Província de Emmitsburg  
Bicentenário da chegada de Mère Seton  
Irmã Mary Jean Horne, Filha da Caridade
- 125 Na catedral de Notre Dame de Paris, celebração de Santa Luísa de Marillac, 14 de março de 2010  
Homilia do Cardeal André Vingt-Trois, Arcebispo de Paris
- 129 Na Capela da Medalha milagrosa, celebração de Santa Luísa de Marillac, 15 de março de 2010

Homilia do Padre Gérard Du, cm, Assistente geral

- 131 Província de Curitiba  
Itinerário da pastoral das vocações  
Irmãs Bernadete Valenga e Neriuzza Franco, Filhas da Caridade
- 134 Província de Turim  
Irmã Giuseppina, patrona da seção feminina de uma prisão  
Irmã Maria Ida Cislighi, Filha da Caridade
- 136 Província de Roma  
Um coração de louvores unânimes: obrigada Virgem bendita!  
Irmã Maddalena Castrica, Filha da Caridade

Palavra dos pobres

- 138 Província da Venezuela  
“Uma Irmã irá dez vezes ao dia visitar os doentes, e dez vezes por dia encontrará Deus neles”  
Irmã Bérénice Jimenez, Correspondente dos Ecos

**História da Companhia**

Ano jubilar do 350º aniversário da morte dos Fundadores

- 140 Luísa de Marillac em seu tempo  
Irmã Claire Herrmann, Filha da Caridade
- 148 Influência mútua sobre a natureza da Companhia  
Padre Benito Martinez, cm
- 160 Últimas publicações vicentinas

MÈRE EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 05 de março de 2010

A todas as Filhas da Caridade

Minhas queridas Irmãs,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Desde 27 de fevereiro, sei que seus pensamentos e orações acompanham as nossas Irmãs do Chile. Os meios de comunicação comentaram bastante a extensão das destruições causadas pelo terremoto (8.8) e pelo tsunami que o sucedeu, mas as comunicações locais estiveram cortadas durante três longos dias, bem como a água e a eletricidade. A partir de 1º de março a

noite, o Pe. Luís Fernando Macias, Diretor provincial do Chile e Irmã Julia Moreno, Visitadora, nos enviaram notícias tranquilizadoras sobre as Irmãs, as crianças e os funcionários de nossas casas. No entanto, alguns membros das famílias das Irmãs estão desaparecidos por causa do tsunami. Este foi mortífero, porque era o período das férias de verão às margens do Pacífico. Várias casas das Irmãs sofreram danos leves, mas a preocupação é, evidentemente, os socorros às vítimas. Assegurei a Irmã Julia da proximidade da Companhia, na oração e na partilha.

Esta catástrofe sucede a do Haiti e a da Ilha da Madeira (Província de Portugal); ontem também um terremoto de (6.4) no sul de Taiwan reavivou a dramática lembrança do ocorrido em 3 de outubro de 2009; felizmente, as Irmãs enviaram uma mensagem tranquilizadora.

Desculpem-me esta sucessão de notícias um tanto tristes, mas eu sei o quanto a informação de família é necessária.

Termino esta breve comunicação com uma nota de esperança. No mesmo dia do terremoto no Chile, três jovens chegaram para o Seminário internacional de Santiago do Chile, duas do Paraguai e uma da Argentina; elas serão admitidas oficialmente na Companhia no próximo dia 15 de março. Confiemo-las a Santa Luísa e peçamos juntas à nossa Fundadora a graça de servir os pobres com doçura e compaixão, como o fazem nossas Irmãs do Haiti, da Ilha da Madeira, do Chile e de Taiwan nestas situações de emergência.

Feliz festa de Santa Luísa! Que a celebração do 350º aniversário de sua morte, reavive em nós o desejo de avançar, com uma fidelidade sempre maior, no caminho que ela traçou diante de nós: caminho do encontro com Deus, com suas Irmãs e com os pobres.

Com a certeza de minha fraterna afeição,

Irmã Evelyne FRANC  
Filha da Caridade

PADRE GRÉGORIO GAY, SUPERIOR GERAL

Casa Mãe, 25 de março de 2010

Na festa da Renovação

A paz e os votos

Em minha carta do Advento de 2009 e da Quaresma de 2010, propus-lhes uma reflexão sobre um aspecto essencial de nossa fé: a Paz. Quero aprofundar ainda este tema relacionando-o com os votos que há pouco renovaram.

No dia da ressurreição, o primeiro desejo do Senhor Jesus Ressuscitado foi: “A paz esteja convosco”. Os discípulos tinham se refugiado e estavam trancados no cenáculo por medo dos judeus, e Jesus ressuscitado apareceu-lhes, concedendo-lhes o dom da paz que apaziguou seus medos. Sua paz os transformou e renovou.

Vicente de Paulo, ao longo de sua vida, ficou profundamente impressionado com a miséria dos pobres que ele costumava chamar “seu peso e sua dor”. Uma das principais causas da pobreza era a guerra. Vicente defendeu a causa dos pobres, pediu, intercedeu junto as autoridades de seu tempo, para promover a paz e portanto, permitir uma vida mais digna para os pobres.

Em toda a história da humanidade, são os pobres os que mais sofrem, vítimas da guerra e de suas consequências. Muitos pobres eram recrutados para o exército. Em muitos países, as estatísticas demonstram que a maioria dos soldados procediam da classe média e pobre. Ainda hoje, ouvimos protestos através do mundo: “Nunca mais a guerra, queremos a paz”. Não é somente um slogan, mas um fato evidente.

Na celebração da Eucaristia, reconhecemos o grande valor deste dom do Espírito de Nosso Senhor Jesus. Assim, começamos com o desejo “a graça e a paz de Deus nosso Pai e de Jesus Cristo Nosso Senhor esteja sempre convosco” e concluímos “Ide na paz do Cristo”. E para significar a comunhão com o Pai, e a comunhão entre nós, a oração que Jesus nos ensinou é seguida do rito da paz. A comunhão do Corpo e do Sangue de Jesus é precedida pela oração do “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, dai-nos a paz”. A comunhão traz a reconciliação e a paz. A paz não é só uma experiência tranquilizadora, é também uma dinâmica. Nosso Senhor Jesus nos dá a coragem de ser testemunha de sua paz no mundo. Os votos também são portadores do dom da paz do Espírito. Permitam-me demonstrar brevemente como cada um dos votos está ligado à paz.

O voto do Serviço dos Pobres dá todo significado à vocação da vida da Filha da Caridade e permite viver os outros três conselhos evangélicos, pode ser facilmente compreendido em sua relação com a paz. Os pobres são as primeiras vítimas da guerra e da violência mundial e doméstica. Pelo serviço dos pobres, vocês contribuem para a promoção da paz. É interessante constatar como, na ONU, vários grupos de trabalho que participam na luta contra a pobreza se interessam pelas numerosas situações difíceis do mundo: mudança climática, falta de respeito pela criação, imigração, tráfico humano, guerra, situações ligadas de uma maneira ou de outra, e percebidas como força destrutiva de vida. Servir os pobres é trabalhar pela paz e, vice-versa, trabalhar pela paz é também servir os pobres.

Com o voto de pobreza, que consiste em viver um estilo de vida simples, ajuda a contrariar a avareza, os excessos de consumo, a sede impensada pelas coisas materiais. O poder e a riqueza são as primeiras causas de muitas guerras, de violências e de situações destrutivas. Por consequência, viver o voto de pobreza, é escolher um estilo de vida mais sóbrio, em solidariedade com aqueles que não têm igualmente, acesso aos bens deste mundo. Diminuindo as desigualdades, favorecemos a paz.

O voto de castidade as impulsiona a viver mais profundamente a relação com Deus, com as Irmãs da comunidade, com os pobres, com as pessoas que as cercam. A castidade é este dom que as ajuda a amar profundamente o outro, sem o possuir ou dominar. Assim, vocês desenvolvem relações harmoniosas que constroem a paz, deste modo, são capazes de escutar o Espírito e deixarem-se guiar por ele e favorecer a comunhão de corações”.

Retomem o documento interassembleias 2009-2015; vocês sabem que ele é constituído de Apelos e Respostas. O 2º Apelo as convida a aprofundar o “bem viver juntas”, a fim de que seja profecia de amor e caminho de esperança. E a primeira Resposta a este Apelo, as convida a “acolher cada Irmã com um olhar de fé e aceitar as diferenças como uma riqueza”. Este mesmo ponto, eu desenvolvi em minha carta da Quaresma, dizendo que a diversidade das expressões da vida humana deve ser respeitada. É possível construir um mundo no qual as pessoas de diferentes meios, de expressões culturais diversas, podem aprender a viver juntas e, conseqüentemente,

criar uma harmonia fundada na diversidade, ao invés da diversidade ser a justificação da violência e da destruição.

É importante que tenhamos no coração a paz de Deus, a fim de viver relações harmoniosas entre nós. A paz vem de nossa relação com Deus. Ele a estabelece em nossos corações. A castidade quando é vivida pacificamente, nos ajuda a manter relações autênticas umas com as outras, juntas na comunidade e fora dela. A castidade nos ajuda a abrir nossos corações àqueles que colaboram conosco no serviço bem como aqueles a quem servimos. Num de seus escritos, Santa Luísa diz: *“Sede muito afáveis e bondosas com vossos pobres; sabeis que são nossos mestres a quem devemos amar com ternura e respeitar profundamente. Não basta termos isto na memória, mas, devemos demonstrá-lo por nossos serviços caridosos e afáveis”*

O voto de obediência nos permite estar atentos à vontade de Deus. Por isso, devemos criar um clima de paz que permite escutar atentamente a vontade de Deus. Neste clima, podemos discernir a vontade de Deus em comunidade.

Minhas Irmãs, sejam testemunhas da paz, e façam-no com audácia. Que Maria, Rainha da paz, na sua qualidade de mãe de Deus, interceda para que esta Paz venha em nossos corações e no mundo.

Padre Grégory GAY,  
*Superior geral*

### **PADRE JAVIER ALVAREZ, DIRETOR GERAL**

Conferência preparatória à Renovação 2010

*“E o Verbo se fez carne  
e habitou entre nós”* (Jo 1, 14)

Desde o ano de 1669, mantêm-se na Companhia, ainda hoje, a tradição de renovar os votos no dia 25 de março, festa da Anunciação. Esta data foi escolhida em memória do dia em que Santa Luísa, junto com algumas das primeiras Irmãs, pronunciaram seus votos pela primeira vez em 1642. A festa da Encarnação ou da Anunciação é bem apropriada para iluminar este acontecimento da Renovação: o “sim” de Maria ao plano de Deus na cena da Anunciação, convida as Filhas da Caridade a também dizerem “sim” ao plano de Deus sobre elas, segundo o carisma da Companhia.

Este ano, convido-as a aprofundar um dos mistérios principais de nossa fé, a Encarnação. Tanto a espiritualidade como os votos das Filhas da Caridade têm como fundamento principal e razão de ser o mistério da Encarnação. Sem Ele nada teria sentido em nossa vida de seguidores de Jesus Cristo. Ao longo desta conferência, veremos como a Encarnação é um pensamento bem enraizado em São Vicente e em Santa Luísa, e um dos pilares de sua espiritualidade. Convido-as a contemplar e imitar tudo o que os nossos Fundadores nos dizem deste mistério da Encarnação. Vejamos o que está oculto nestes dois verbos.

## CONTEMPLAR A ENCARNAÇÃO

A primeira coisa que se pode fazer diante de um mistério, é parar para contemplá-lo. Não para compreendê-lo e explicá-lo racionalmente, mas para deixar-se envolver por sua profundidade imperceptível, sua atração e a fascinação de sua beleza. Para compreender o que significa “contemplar o mistério da Encarnação”: imaginemos uma pessoa no alto de uma montanha, contemplando uma vasta paisagem, deixando-se envolver pela luz, sentindo no rosto a brisa suave de uma tarde tranquila e repousando seu olhar nas diferentes tonalidades e formas que contempla. Em *Tertio millennio adveniente*, João Paulo II recomendava sentar-se para contemplar o grande rio bimilenar da Revelação, do cristianismo e da Igreja <sup>1</sup>.

São Vicente dizia aos primeiros missionários: *“Vejam o Filho de Deus: Oh! Que coração caridoso! Que chama de amor! Meu Jesus, diz-nos, um pouco, por favor, quem vos tirou do céu para vir sofrer a maldição da terra e todas as perseguições e torturas que tendes recebido. Oh Salvador! Fonte do amor humilhado até nós e até um suplício infame! Quem amou mais ao próximo do que vós? Viestes vos expor a todas as nossas misérias, tomar a forma de pecador, levar uma vida de sofrimento e sofrer por nós, uma morte infame. Há amor semelhante? Quem poderia amar de maneira tão supereminente? Só Nosso Senhor pôde deixar-se envolver pelo amor às criaturas a ponto de deixar o trono de seu Pai para vir tomar um corpo sujeito às debilidades. E por quê? Para estabelecer entre nós, por seu exemplo e sua palavra, a caridade com o próximo. Foi este amor que o crucificou e o que faz esta obra admirável de nossa redenção”*<sup>2</sup>. Vale a pena ler e reler este texto para percebermos até que ponto este mistério da Encarnação marcou o pensamento e a ação de Vicente. Ele nos convida a acolher este mistério com a alegria e o reconhecimento de quem se sente favorecido pelo dom da Redenção. *“Vejam o Filho de Deus”*, isto significa, em nossa linguagem: “contemplemos” ou “meditemos”. As múltiplas frases admirativas ou interrogativas não são senão meios que convidam a descontraírem-se no mistério que nos excede, a encher-se da luz, da força e do exemplo de Jesus Cristo para poder fazer o mesmo em nossa vida ordinária.

Santa Luísa tem vários escritos sobre o mistério da Encarnação<sup>3</sup>. Ela contempla e adora o Deus que se faz homem. Em um primeiro momento, sua espiritualidade é mística e intimista, depois ela se abre ao mundo do serviço dos pobres; o acompanhamento espiritual de Vicente foi decisivo para ela. Antes de 1633, durante um retiro, Luísa contempla o mistério da Encarnação: (proponho-me) *“Amar o aniquilamento, pois Deus o assumiu, como no-lo mostra em sua Natividade e quis que reconhecêssemos que o referido aniquilamento enche o céu de admiração e nos mostrou que Deus deve ser glorificado por ele. É necessário porém que o meu (meu aniquilamento) ruim e miserável, se una ao seu glorioso”*<sup>4</sup>.

As Constituições expressam o pensamento dos Fundadores. Eles nos fazem ver que a Encarnação de Jesus Cristo é fonte de energia espiritual. As Filhas da Caridade *“contemplam Cristo no aniquilamento da sua Encarnação Redentora, e maravilham-se que um Deus, de certo modo, não possa ou não queira jamais separar-se do homem”*<sup>5</sup>. *“Aprendem com Ele a revelar a seus irmãos e irmãs o amor de Deus pelo mundo, particularmente pelos pobres”*. (C. 17b). Meditar sobre a Encarnação é descobrir a humanidade de Jesus Cristo revelada nos Evangelhos, não por curiosidade, mas para que a vida de entrega beneficie da luz e do calor que irradia da figura de Jesus Cristo. Quem se aproxima dEle inevitavelmente ficará fascinado por sua pessoa e sua mensagem. Nossa contemplação revigora e aprofunda nossa afeição por Jesus Cristo e nosso compromisso pelos pobres, seus preferidos.

Não se pode contemplar a Encarnação sem os Evangelhos. Eles nos introduzem no mistério de Jesus Cristo: os começos de sua vida pública, suas dificuldades na pregação do Reino, sua morte, sua ressurreição... A Encarnação nos leva a meditar sobre a humanidade de Jesus Cristo, como São Vicente gostava de fazer<sup>6</sup>. São Paulo resume à sua maneira assim o

mistério da Encarnação: “*Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens*” (Fil 2, 6-7).

Meditar os Evangelhos, cada uma de suas passagens, é certamente, a melhor meditação que pode ser feita e, sem dúvida, o caminho mais seguro para crescer no mistério da Encarnação e para “*configurar-se ao Cristo*”, como São Vicente repetia tantas vezes. Os Evangelhos mostram Jesus como um homem equilibrado, mesmo se ele devia viver a contracorrente de certas ideias e costumes que Ele não podia admitir porque não eram pouco humanas e pouco divinas. Porém, Jesus viveu sua missão naquela atmosfera difícil, mas com uma serenidade impressionante à tal ponto que, entre os Fariseus “*ninguém lhe lançou as mãos*” (Jo 7, 44). Afirmar que Jesus *fez-se em tudo semelhante aos homens, exceto no pecado, significa que Ele era humano*. Somente o pecado impede ao homem de ser humano, de realizar sua vocação ao amor, à verdade, à solidariedade e ao perdão.

Os Evangelhos dissipam todas as dúvidas possíveis sobre a autenticidade da Encarnação de Jesus. Desde os primeiros séculos, a Igreja declarou herética a corrente chamada docetismo, segundo o qual Jesus era homem apenas aparência. A verdade da Encarnação está no fato de que Jesus se fez homem, capaz de pensar e de sentir como tal. Quando alguém se entrega totalmente por um grande projeto, com frequência os sentimentos aparecem um pouco repelidos. Nada disso acontece com Jesus Cristo. Sua pesada tarefa de anunciar o Evangelho não endurece seu coração, seu entusiasmo não lhe faz esquecer as pequenas coisas da vida. Ele tem piedade do seu povo e de seus problemas. Ele contempla com afeição o jovem triste ao pensar em segui-Lo; Aborrece-se diante da incompreensão de seus apóstolos; Alegra-se quando eles voltam satisfeitos por ter pregado o Reino; Entristece-se diante da dureza de coração de seus contemporâneos; Admira a fé de um pagão; comove-se diante de uma mãe que chora por causa da morte de seu filho; Ele chora diante do túmulo de Lázaro, etc.

Sua sensibilidade é complementada com sua capacidade de reflexão, porque Jesus aparece diante de seus contemporâneos como alguém que tem uma doutrina própria. Ele diz coisas razoáveis e humanas que ajudam as pessoas a viver. E, além disso, Ele explica o que diz. Sua reflexão não é baseada em altas considerações filosóficas, mas no bom senso. Se Ele recomenda amar os inimigos, explica que é porque somos todos filhos de um mesmo Pai (cf. Mt 5, 45). Se Ele pede que façamos o bem a todos, é porque todos nós gostamos que nos façam o bem (cf. Lc 6, 33). Se Ele nos pede que tenhamos confiança no Pai, é porque Ele cuida dos pássaros do campo (cf. Mt 12, 11). E se Ele cuida dos pássaros do céu, como não cuidará também de nós? Seus preceitos são simples, breves e concisos, como qualquer pessoa convicta: “*reconciliai-vos com vossos irmãos, não jures jamais, não resistis ao mal, e se alguém vos bater na face direita, mostrai-lhe também a esquerda*”.

A Encarnação não anulou sua consciência de Enviado do Pai. Rapidamente, Ele descobriu sua vocação e se apaixonou por ela. Ele responde a Maria e a José: “*Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?*” (Lc 2, 49). A vontade de Deus foi como a estrela polar que orientou toda sua vida. São Vicente dizia que Ele não veio à terra para triunfar ou morrer, mas para cumprir a vontade de Deus. Sua morte e sua ressurreição faziam parte do plano de Deus. Toda sua vida está sob este sinal: Ele vai ao Jordão porque “*convém cumprir a justiça completa*” (Mt 3, 15). Ele é impelido ao deserto pelo Espírito: “*o Espírito o impeliu ao deserto*” (Mc 1, 12). Ele expulsa o demônio em nome de “*toda palavra que procede da boca de Deus*” (Mt 4, 4). Quando alguém lhe pede para ficar em Cafarnaum, Ele diz que deve pregar em outras cidades “*pois, para isso é que vim*” (Mc 1, 38). Inclusive, um dia, Ele afirma: “*Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra*” (Jo 4, 34).

O cumprimento da vontade de Deus não o impede de viver e agir com liberdade: Ele fala com as crianças, apoia a igualdade entre o homem e a mulher, deixa seus apóstolos colherem espigas no sábado, fala com franqueza com as autoridades políticas, rejeita as tentações dos membros de sua família que querem afastá-lo de sua missão (cf. Mc 3, 21; 3, 31). Qual é o segredo de sua liberdade e de sua coragem? Jesus entrega-se inteiramente nas mãos de Deus. Graças à sua confiança absoluta ao Pai, Ele superou também o medo da morte, uma morte que assumiu com total liberdade.

Este breve resumo sobre Jesus Cristo encarnado, permite-me recordar que todas as passagens evangélicas devem ser meditadas. Ninguém duvida que a oração dos Salmos, a oração litúrgica é a oração da Igreja. Mas é a oração pessoal (ou a meditação), feita com seriedade e perseverança que pode realmente tocar a pessoa e transformá-la interiormente. A contemplação da figura de Jesus Cristo muda lentamente nossos critérios, sentimentos e atitudes. Esta contemplação modela a liberdade de nosso ser e conquista nossa afetividade profunda. O documento da Assembleia geral, destaca-o como o caminho para chegar ao “*enraizamento em Jesus Cristo*”<sup>7</sup>.

## **IMITAR A ENCARNAÇÃO**

Na Encarnação, Jesus Cristo cumpriu ações tão sérias e tão comprometidas: despojou-se da condição divina à humana, assumir a natureza humana com seu lado fraco e pecador, e elevar o ser humano. São Vicente reduz este tríplice movimento em dois: o despojamento ou “*o amor humilhado*” (como ele qualifica o Cristo encarnado) e o compromisso com o mundo dos pobres para tirá-los de sua pobreza e levá-los ao conhecimento do Evangelho, isto é, “*o amor efetivo, (que) é o exercício das obras de caridade, o serviço dos pobres empreendido com alegria, coragem, constância e amor*”<sup>8</sup>. Quantas horas de meditação sobre os Evangelhos devem ter por trás desta frase tão importante e cheia de sentido, para definir a finalidade da Companhia! Continuando a missão de Jesus Cristo, as Filhas da Caridade, são chamadas a imitar esta dinâmica da Encarnação. As virtudes específicas, os Conselhos evangélicos e a vida fraterna em comum têm como objetivo o serviço encarnado. A insistência sobre a inculturação que se fez sentir com tanta força na Companhia nos anos 90, não tinha outro objetivo senão imitar o despojamento de Jesus Cristo, adaptando o melhor possível o estilo de vida e a maneira de servir às exigências concretas dos pobres. Com efeito, não há inculturação mais séria do que a que Jesus Cristo realizou em sua Encarnação. Detenhamo-nos agora sobre algumas consequências do mistério da Encarnação para nós:

### **A Encarnação conduz a uma certa maneira de rezar**

Necessariamente, a nossa oração deve ser encarnada. São Vicente desconfia de uma oração muito teórica ou muito elevada, porque conhecia os perigos destas formas de oração: busca pessoal sob forma de misticismo, fuga da vida real que é o oposto à Encarnação. “*O êxtases ou arrebatamentos, (que) são mais prejudiciais do que úteis*”, declarava vivamente São Vicente às Filhas da Caridade<sup>9</sup>. A busca de novas sensações, de experiências espirituais inéditas e intimistas, desconectadas da vida e sem repercussões sobre o amor eficaz aos pobres, pode ser igualmente um perigo para os nossos contemporâneos. Contemplar Cristo no despojamento de sua Encarnação redentora, sua vida de serviço, sua busca contínua da vontade de Deus, seu amor aos pobres, sua humildade e sua caridade é, sem dúvida, o melhor meio para assegurar uma oração realista, que faz crescer no amor a Deus e ao próximo. “*Podeis fazer a vossa meditação desta maneira, que é a melhor; pois não se deve fazer para ter pensamentos elevados, êxtases ou arrebatamentos, que são mais prejudiciais que úteis, mas somente para vos tornardes perfeitas, e verdadeiramente boas Filhas da Caridade*”<sup>10</sup>. Seguindo a lógica de São Vicente, as Constituições orientam a oração na mesma linha da Encarnação: “*As Irmãs contemplam em Cristo e procuram expressar na própria vida estas disposições que as aproximam dos mais*



*desfavorecidos*” (C. 13). Os dois verbos usados neste artigo: “contemplar” e “expressar na própria vida”, são realmente bem exatos para definir a natureza da oração vicentina.

A oração encarnada deve estar sempre em relação com a vida. Neste sentido, podemos dizer que rezar é sinônimo de olhar a vida com os olhos de Deus, ou levar a vida diante de Deus na oração: preocupações, inquietações, alegrias, acontecimentos vividos ao longo do dia, o rosto dos pobres, seus sofrimentos e os grandes problemas que atingem a humanidade. *“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”*<sup>11</sup>. Temos aqui, uma orientação da Igreja que indica o caminho da Encarnação e do compromisso. Se unimos a oração à vida, descobrimos facilmente os critérios evangélicos que orientam a ação cristã. É natural que a pessoa que contempla Jesus Cristo termina adquirindo, naturalmente, uma grande capacidade de discernimento. Se *“Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida”*, aquele que o toma como modelo e coloca seus passos nos seus, sabe qual caminho tomar e como segui-lo. Eis a razão pela qual São Vicente aconselhava perguntar-se o que pensaria ou faria Jesus Cristo diante de tal situação, porque *“é na oração que Deus nos faz conhecer o que Ele quer que façamos e o que quer que evitemos”*<sup>12</sup>. A oração encarnada leva também a tomar resoluções práticas em relação às situações pessoais e o serviço dos pobres. Para São Vicente, estas resoluções devem ser o ponto principal de nossa oração<sup>13</sup>. A contemplação do Tabor de nada teria servido se os discípulos não tivessem sido capazes de descer à vida.

### **A Encarnação reforça a vocação do dom de si**

Desde os primeiros anos de sua vida, Jesus cultivou sua condição de Enviado. Algumas frases como *“Minha comida, é fazer a vontade do Pai”* (Jo 4, 34) ou então *“Eu vim para fazer Sua vontade”*, nos demonstram que Jesus sabia perfeitamente qual era sua missão. Em Jerusalém ele adverte José e Maria *“não sabeis que devo ocupar-me das coisas do meu Pai”* (Lc 2, 48). Quando uma Filha da Caridade alimenta o chamado e a missão que o Pai lhe confiou, ela se identifica com uma característica essencial de Jesus Cristo: sua condição de Enviado. Aquela que pensa sempre nesta verdade teológica e se a aplica, ela fortalece sua fidelidade à vocação, cresce na identidade e pertença ao carisma vicentino, tal como este é definido na Companhia. Há textos evangélicos como, por exemplo: Mc 3, 13-19, que deveria ser sempre meditado.

A Encarnação ilumina a missão de serviço quando a Filha da Caridade encontra dificuldades em sua vocação. Estas podem surgir do contexto cultural que não favorece uma vocação de serviço como a nossa. Frequentemente, estas dificuldades de compreensão e de aceitação nascem de contextos mais próximos, inclusive, de nossa família ou da Comunidade. As incompreensões de nossa família nos entristecem mais do que as críticas vindas de meios mais distantes. Jesus Cristo, também, sofreu a incompreensão de sua família, quando eles foram procurá-lo pensando que *“Ele tinha ficado louco”* (Mc 3, 21). Outras vezes, as dificuldades vêm da própria Comunidade à qual pertencemos, onde infelizmente, podem surgir rivalidades que fazem sofrer e dificultar a vida fraterna. As dificuldades podem vir da própria pessoa que, com o passar dos anos, pode sentir cansaço, desânimo e uma vida espiritual debilitada. A perda de convicções profundas e do brilho da espiritualidade vicentina, de certo modo está na base de tudo aquilo que pode conduzir a perder o sentido do serviço dos pobres. Todas as proporções guardadas entre Jesus Cristo e nós, certas dificuldades que as Filhas da Caridade enfrentam hoje, são semelhantes as que Jesus Cristo encontrou em sua vida encarnada e em sua missão.

O que fazer, quando estas dificuldades de desânimo e de cansaço estão na própria pessoa? Será necessário fortalecer a convicção de que a vida de serviço tem sentido, muito sentido, e se não a doamos, termina se perdendo, fracassando totalmente. Lembremo-nos que Jesus Cristo se realizou em sua Encarnação, entregando-se aos outros. A vocação e a missão da

Filha da Caridade é a mesma que a de Jesus encarnado. São Vicente no-lo afirma: “*Nesta vocação vivemos de modo muito semelhante com Nosso Senhor Jesus Cristo que, aparentemente, quando veio a este mundo, escolheu como tarefa principal a de assistir e cuidar dos pobres... E se perguntarmos a Nosso Senhor: o que viestes fazer na Terra? Assistir os pobres. Algo mais? Assistir os pobres...*”<sup>14</sup>. Portanto, Jesus Cristo é a grande referência dos Vicentinos para por em evidência o valor de sua vocação, dissipar os fantasmas que, em um certo momento, podem invadir nosso castelo interior.

### **A Encarnação ilumina o serviço e o estilo de vida.**

Para explicar a espiritualidade vicentina, é necessário saber como São Vicente compreendeu a Encarnação e a missão de Jesus Cristo. Esta é a chave e a fonte de tudo. Seguindo o ensinamento de São João e de São Paulo, para São Vicente, a Encarnação é a maior expressão do amor de Deus pelos seres humanos: um amor totalmente gratuito que vai até o assumir a condição humana em toda radicalidade: “*Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único*” (Jo 3, 16). “*Cristo Jesus... aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens*” (Fil 2, 7). O acontecimento da Encarnação não pode deixar a humanidade indiferente. Com Jesus Cristo, é um período da história que se termina e um outro que se abre. Por seu despojamento, Deus dota cada pessoa com um valor e uma dignidade que ninguém pode questionar. Esta dignidade chega também aos pobres, principalmente os pobres. O comportamento de Jesus nos Evangelhos mostra claramente suas preferências. Eu diria mesmo, que os pobres são a presença oculta do Deus encarnado (cf. Mt 25, 40). “*Servindo os pobres, serve-se Jesus Cristo*”, esta foi a orientação de São Vicente às primeiras Irmãs e o seu comentário mais completo do capítulo 25 de São Mateus<sup>15</sup>. Para ele, a Encarnação foi a luz mais clara que o fez descobrir sua vocação, e que o impulsionou a fundar instituições na Igreja. Quando ele falava da vocação às primeiras Irmãs, dizia: “*Para serdes verdadeiras Filhas da Caridade, deveis fazer o que fez o Filho de Deus na terra*”<sup>16</sup>. O essencial não está nas palavras, mas numa pessoa: Jesus de Nazaré.

O mistério da Encarnação e o serviço dos pobres convidam a revisar o estilo de vida, porque seria uma incoerência servir os pobres com ar de superioridade. Os funcionários e os profissionais podem fazer isto, porque sua finalidade não é outra senão a eficácia e o cumprimento de seu trabalho. As Filhas da Caridade, ao contrário, querem imitar o Filho de Deus que “*Sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer por sua pobreza*” (2Cor 8, 9). Uma vida simples e sóbria na medida do possível, adaptada ao estilo de vida dos pobres, é significativa e profética para o nosso mundo, como foi a de Jesus Cristo para os seus contemporâneos. “*O critério de sua vida simples e modesta é a própria vida do Filho de Deus. Jesus não viveu na miséria, nem na indigência, nem tão pouco na abundância e na riqueza. Viveu como as pessoas simples do Seu meio, que ganhavam a vida pelo trabalho e estavam sujeitas “a uma vida simples e sóbria”*”<sup>17</sup>. Este critério de discernimento que a *Instrução sobre os votos* nos oferece é válido tanto para o estilo de vida pessoal quanto para o institucional. Pode ser que para a Instituição seja mais difícil discernir e mais complicado modificá-la. As obras devem ser, por um lado, modernas e eficazes e, por outro, sóbrias e simples. Nem sempre é fácil viver estes dois aspectos; em certos casos, eles podem mesmo parecer contraditórios. A tentação pode estar em excluir um aspecto em benefício do outro: por exemplo, optar pela eficácia e a modernidade, deixando de lado a simplicidade da vida pessoal, ou optar pelo aspecto profético e significativo dos meios sóbrios, deixando a eficácia em segundo plano. A solução não consiste em excluir nenhum dos dois aspectos, mas em integrá-los, permanecendo vigilantes. A Encarnação tem sua palavra a dizer no equipamento concreto das nossas obras.

O estilo de vida vai além de uma vida simples, ao nível pessoal e institucional; vai até o equilíbrio da vocação, característica das Filhas da Caridade. Elas traduzem a espiritualidade da Encarnação em “amor a Deus” que as impele a se entregarem a Ele e em “amor aos pobres” que

as impulsiona à prática da caridade. Elas não podem dispensar-se nem do amor afetivo a Deus, nem do amor efetivo aos pobres. A supressão de um dos dois amores conduziria a um desequilíbrio que terminaria com a morte da vocação. O equilíbrio se encontra exatamente no meio, ele *“orienta toda sua vida”* como nos diz o artigo 24a das Constituições.

A Encarnação impõe um outro equilíbrio: o da cabeça e do coração. Jesus Cristo soube manter o equilíbrio entre a dedicação à missão confiada pelo Pai e suas relações fraternas com as pessoas. Os dois objetivos do Reino *“Missão e Caridade”*, não suprimiram seus sentimentos. Este é o equilíbrio proposto às Filhas da Caridade: clareza e retidão no estilo de vida, na finalidade da vocação, nas convicções e proximidade de relações cheias de delicadezas e respeito pelas pessoas, um amor afetivo por todos, começando sempre pelos mais pobres e os mais próximos. Se uma destas dimensões é vivida de tal maneira que uma exclui a outra, acontece um desequilíbrio. Jesus de Nazaré é o verdadeiro modelo nesta arte de equilibrar o pequeno com o grande, o humano com o divino, a caridade com a verdade, a contemplação com a ação, o pessoal com o comunitário...

## MARIA NA ENCARNAÇÃO

*“Eis aqui a serva do Senhor”* (Lc 1, 38). Com estas simples palavras, Maria diz *“sim”* a Deus para colaborar com Ele e tornar possível a Encarnação do Filho de Deus. Graças a ela, conseguimos a vida eterna. Como João Paulo II dizia: *“Ela leva à sua expressão plena o anélito dos pobres de Jahvé, resplandecendo como modelo para quantos se confiam, com todo o coração, às promessas de Deus”*<sup>18</sup>.

Ao contemplar Jesus Cristo nos Evangelhos, inevitavelmente encontramos Maria. A Mãe de Deus ensina às Filhas da Caridade sua atitude de serva humilde e fiel aos desígnios do Pai (cf. C. 23). Elas honram sua atitude de obediência.

Nosso pensamento e nossa ação de graças se tornam também preces, para que Maria continue sendo a Mãe da Companhia e a estrela que guia cada Filha da Caridade em sua participação diária no mistério da Encarnação de Jesus Cristo.

Padre Javier ÁLVAREZ  
*Diretor geral.*

### Notas

<sup>1</sup> Tertio millennio adveniente N°32

<sup>2</sup> Coste XII p. 264-265, São Vicente às primeiras missionárias, conferência sobre a caridade, 30 de maio de 1659.

<sup>3</sup> Podemos: "Escritos espirituais" Irmã Charpy: Pensamentos A7; A9; A8; A26. Era um assunto que ela gostava muito para seus retiros.

<sup>4</sup> "Escritos espirituais" Irmã Charpy A9 p. 700

<sup>5</sup> Santa Luísa, em Gobillon, Ed. 1676, Livro V, cap. 1, §1, p. 189.

<sup>6</sup> Cf. L. ABELLY, A vida do venerável servo de Deus Vicente de Paulo, p. 600-608.

<sup>7</sup> Cf. Documento Interassembleias 2009-2015, "Deixemo-nos transformar pelo Espírito, p. 9 e 19

<sup>8</sup> Coste IX p. 593 Conferência às primeiras Irmãs de 9 de fevereiro de 1653 sobre o espírito da Companhia.

<sup>9</sup> Coste IX p. 30 Conferência à primeiras Irmãs de 2 de agosto de 1640 sobre a fidelidade ao levantar e à oração.

<sup>10</sup> Ibidem

<sup>11</sup> Concílio VATICANO II Constituição dogmática *Gaudium et spes* N°1

<sup>12</sup> Coste IX p. 418 Conferência às primeiras Irmãs sobre a oração.

<sup>13</sup> Coste IX p. 30 Conferência às primeiras Irmãs de 2 de agosto de 1640 sobre a fidelidade ao levantar e à oração.

<sup>14</sup> Coste XI p. 108 Conferência de São Vicente aos primeiros missionários, de 29 de outubro de 1638 sobre a perseverança na vocação.

<sup>15</sup> Coste IX p. 252 Conferência às primeiras Irmãs de 13 de fevereiro de 1646 sobre o amor a vocação e a assistência aos pobres.

<sup>16</sup> Coste IX p. 15 Conferência às primeiras Irmãs de 5 de julho de 1640 sobre a vocação de Filhas da Caridade.

## DEUS CARITAS EST

### Um olhar novo sobre a nossa vocação de Filhas da Caridade à luz da encíclica *Deus caritas est*

#### **Introdução**

Fundada em 1633, a Companhia das Filhas da Caridade continua até nossos dias vivendo o carisma de acordo com a espiritualidade dos Fundadores. Nossas Constituições se esforçam para dar corpo a este carisma levando em conta as necessidades dos pobres e os sinais dos tempos.

Desde a primeira leitura, é fácil ver a concordância entre a encíclica de Bento XVI e o espírito da Companhia. Os temas centrais da encíclica reforçam nossa estima por nossas Constituições. *Deus Caritas est* expressa em muitos aspectos os pensamentos de São Vicente e de Santa Luísa. Tem-se a impressão que Bento XVI tem uma familiaridade profunda com o espírito vicentino. Isto não é surpresa, porque a espiritualidade dos fundadores estava profundamente enraizada no Evangelho. A encíclica oferece às Filhas da Caridade uma visão contemporânea do mundo de hoje e da necessidade de encontrar nele testemunha do amor de Deus. A encíclica é escrita para responder às exigências da cultura contemporânea cada vez mais secular. Ela foi apresentada como sendo “*uma profunda meditação sobre o que constitui a novidade de um novo contrato, e daí sobre o que é radicalmente constitutivo da identidade cristã e do seguimento de Cristo*”<sup>1</sup>.

Para nós, Filhas da Caridade, *Deus caritas est* apresenta pistas de reflexão que ilumina nossa vocação e suscita um dinamismo novo, à maneira de São Vicente: “sempre mais”.

O que segue é uma reflexão sobre as nossas *Constituições* à luz de uma apropriação de *Deus caritas est*: até que ponto e como a Encíclica traz uma nova iluminação à nossa vocação de Filhas da Caridade no mundo de hoje?

#### **Encontrar Jesus Cristo, amor encarnado de Deus**

*Por isso, para tais agentes, além da preparação profissional, requer-se também e sobretudo a “formação do coração”: é preciso levá-los àquele encontro com Deus em Cristo que neles suscite o amor e abra o seu íntimo ao outro* (DCE, n° 31)

Para compreender a vocação das Filhas da Caridade, é fundamental acreditar em um encontro pessoal com Jesus Cristo. A vocação é uma resposta à um chamado pessoal de Deus<sup>2</sup>. Neste contexto, uma formação ininterrupta “do coração” é fundamental para uma profunda intimidade com a pessoa do Cristo. A vida de oração e a releitura dos acontecimentos permite às Irmãs reconhecer neles a presença do Cristo e, mais particularmente no coração e na vida dos pobres. São Vicente estava continuamente em diálogo com Deus. Ele dizia: “*Oh, que felicidade conversar com um Deus que tanto nos ama*”. Assim, as Filhas da Caridade estão num diálogo contínuo com Deus durante o dia porque, pela oração, a alma se mantém no amor e amizade de Deus<sup>3</sup>. As Irmãs são então confirmadas individualmente e comunitariamente a viver em relação com Deus em Jesus Cristo na oração, os sacramentos, o serviço dos pobres, a vida comunitária, a vida quotidiana.

O encontro pessoal com Cristo está no centro da encíclica. Ela se enraíza no amor ágape. “*Em contraposição ao amor indeterminado e ainda em fase de procura, este vocábulo exprime a experiência do amor que agora se torna verdadeiramente descoberta do outro*” (DCE n° 6). Este primeiro aspecto é muito importante porque, “na ausência de uma convicção na possibilidade de um tal encontro, o cristianismo corre o risco de se tornar um ritual sem vida e um moralismo bem intencionado”<sup>4</sup>.

Bento XVI identifica o ser cristão a um encontro com “uma pessoa”. O Papa diz que a implicação desta relação que “*dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo*”. (DCE, n° 1)

Como a Encíclica o sublinha, Cristo toma a iniciativa do encontro e nos concede viver um encontro privilegiado com Ele <sup>5</sup>. A representação da natureza deste encontro está nas *Constituições e em Deus caristas est*, ao mesmo tempo, os dois documentos enfatizam o lugar deste encontro com Cristo. Nós, Filhas da Caridade, encontramos o Cristo Jesus em cada acontecimento, cada pessoa e mais particularmente na pessoa daqueles que são pobres. O Cristo nos encontra de uma maneira sempre nova nos homens e mulheres que revelam sua presença, sua Palavra, nos sacramentos e especialmente na Eucaristia. Fazemos a experiência do amor de Deus na liturgia da Igreja, na comunidade viva dos crentes. Aprendemos a reconhecer sua presença em nossas vidas quotidianas.

### **Quem é Deus?**

Em *Deus caristas est*, Bento XVI chama a nossa atenção sobre a importância da pergunta a saber quem é Deus e quem somos nós. “Deus é amor” e este amor é, ao mesmo tempo, generoso e transbordante (DCE, n° 9). Acreditar no amor pessoal de Deus por cada um de nós está no centro de toda vocação cristã e, portanto, da nossa vocação de Filhas da Caridade. Deus derrama seu amor sobre cada um de nós, misteriosamente e gratuitamente. Este amor, uma vez recebido, deve ser partilhado com os outros porque a caridade de Jesus nos impele. O Papa reflete no mistério de Deus que é Amor. Ele descreve como, em Deus, as duas formas de amor, o eros (o amor como desejo) e o ágape (o amor como dom de si mesmo) se completam mutuamente. O desejo (eros) de Deus por nós que se expressa na atenção e preocupação, é também totalmente desinteressado (ágape) e encontra sua expressão mais completa no mistério da encarnação.

“*Deveis viver em conformidade com o nome que tendes, porque foi Deus quem deu este nome à a Companhia*” <sup>6</sup>. À luz da encíclica, nossa identidade de Filhas da caridade está enraizada na pessoa de Cristo. Este ponto é repetido várias vezes nas *Constituições*. Este enraizamento descreve nossa vocação particular onde, vivendo em comunidade, servimos a Deus na pessoa dos pobres. São Vicente descreve as Filhas da Caridade como instrumentos pobres nas mãos de um hábil artesão<sup>7</sup>. Este tema é tratado magnificamente na passagem seguinte: “*Quando vós vos destes a Deus para servir os pobres... vós recebestes este nome que o próprio Deus vos deu*”<sup>8</sup>

Para Bento XVI, Deus é visível e sempre presente em nossas vidas. Na história de amor contada na Bíblia, Ele vem a nós, Ele tenta ganhar nosso coração ao longo da história até a última refeição, seu coração trespassado na Cruz, suas aparições depois da ressurreição e as grandes ações pelas quais, pela atividade dos Apóstolos, Ele guiava a Igreja nascente ao longo de seu trajeto. Na história de amor entre Deus e o homem, nossa vontade e a de Deus não cessará de coincidir. A vontade de Deus é a partir daí a minha vontade, fundamentada nesta consciência que Ele está mais presente a mim do que eu a mim mesma. A conduta do Espírito Santo atrai ao abandono de si mesmo a Deus e Deus se torna a nossa alegria. Em Deus, o amor não conhece distinção. Na vida trinitária, o eros é totalmente ágape<sup>9</sup> e por consequência o amor de Deus (eros

/ desejo) que nós partilhamos na unidade do amor da Trindade se torna atenção e cuidado para conosco e é desejo de sacrifício (ágape). Um das mensagens centrais para nós que decorre da Encíclica *Deus Caritas est* é que todo o amor vem de Deus – tanto o eros como o ágape. Porém, por causa do pecado, nossos desejos (eros) precisam ser purificados e nós não podemos entrar em relação de união com Deus senão à medida que nossos desejos são purificados (eros) e se tornem um só com o amor de Cristo que é dom de si mesmo (ágape).

Neste contexto, o desafio para nós, Filhas da Caridade, é de imitar o amor de Cristo; para purificar nossos desejos (eros) a fim de que eles sejam realmente desejos de amor modelados pelo amor generoso, dom de si mesmo (ágape) de Cristo<sup>10</sup>. Este processo nos centra numa descoberta autêntica de si mesmo e de Deus. Tudo como a caminhada de Jesus, nosso progresso nos conduz pela cruz para a ressurreição. No entanto, como a encíclica lembra, o eros precisa ser disciplinado e purificado pela ascese e o crescimento na maturidade “passando pela renúncia” (DCE, n° 5). O ágape, é o amor enraizado e modelado na e pela fé. Mais o eros e o ágape encontram sua unidade no amor verdadeiro, mais a verdadeira natureza do amor, em geral, não se realiza. Quando o ágape se insere no eros, eles podem corresponder então ao amor afetivo e efetivo do qual fala São Vicente.

Como a encíclica o apresenta citando João 19, 34: “*Nós bebemos na fonte original...*”<sup>11</sup>. Esta caminhada é um “êxodo” de si mesmo para a terra prometida de comunhão com os outros, marcado pela ascese e a renúncia, a oração e a reconciliação. É um caminho que segue se perto “a via real da cruz”, uma frase que Santa Luísa gosta e que dá sentido ao verdadeiro caminho de liberdade pelo sacrifício do dom de si mesmo. Como a própria vida de São Vicente testemunha, não é uma vocação fácil<sup>12</sup> – um tema que o Papa Bento XVI retoma citando uma passagem de João 12, 25: aquele que diz que o grão de trigo não pode dar fruto se não cair na terra e morrer<sup>13</sup>. Embora isto seja um desafio, não é uma vocação vivida sem o apoio do amor de Cristo como nossa divisa o lembra, “*A caridade de Jesus crucificado nos impele*”.

### **Amor a Deus e amor ao próximo**

No n° 16, Bento XVI examina a relação íntima existente entre o amor a Deus e o amor ao próximo. Inspirando-se na magnífica reflexão sobre este tema que nós encontramos em João 4, 17-21, a encíclica enfatiza a inseparabilidade de dois amores (DCE, n° 18). Como São João nos lembra: “*Se alguém disser: Amo a Deus, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê*” (1João 4, 20).

Não é. Pois, surpreendente que as *Constituições* busquem sublinhar a unidade destes dois amores: o amor a Deus e o amor ao próximo. Para São Vicente como para Santa Luísa, o caminho do encontro com Deus foi construído no amor ao próximo. Com efeito, São Vicente tinha medo de um amor a Deus que desconsiderasse o próximo. O amor a Deus não se limita a sentimentos piedosos. O amor afetivo que se expressa nas obras de caridade. A unidade dos dois mandamentos do amor constitui o centro das *Constituições*. A maneira de responder à pergunta: “Quem é meu próximo?” dá origem ao carisma da Companhia. Inspirando-se na parábola do Bom Pastor que é o próprio Deus, “*indo atrás da ovelha perdida, a humanidade sofredora e transviada*”, (DCE n° 12) São Vicente incentiva as Filhas da Caridade a “*buscar os mais pobres e mais abandonados*”<sup>14</sup>. Servir os pobres, é servir Jesus Cristo neles. É nossa vocação ver Cristo na pessoa dos pobres e vê-los em Cristo<sup>15</sup>.

*Deus Caritas est* desenvolve a parábola do Bom Samaritano e a do Último Julgamento a fim de formular a resposta à pergunta “Quem é meu próximo?”<sup>16</sup> A partir destes dois textos, a encíclica afirma que “*Qualquer um que necessite de mim e eu possa ajudá-lo, é o meu próximo*” (DCE, n° 15). A “próxima” palavra adquire um sentido universal visto que Cristo se identifica a todos aqueles que estão em necessidade: os famintos, os sedentos, aqueles que são nus, os

doentes, os prisioneiros e os estrangeiros. A reflexão sobre estes dois textos termina por uma passagem que expressa a unidade dos dois amores no contexto do serviço dos pobres: “*Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus*” (DCE, nº 15). Por causa desta identificação a Cristo, São Vicente considera os pobres como Senhores e Mestres<sup>17</sup>. A parábola do Bom Samaritano se torna um exemplo standard que impõe o amor universal dos necessitados que nós encontramos. Neste contexto, o amor caridade se estende além das fronteiras da comunidade cristã: “*amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer*” (DCE, nº 18). Toda comunidade cristã tem a missão de dar a todo homem necessitado o que é necessário para ter uma vida digna.

O ensino de Bento XVI chega em seguida a uma meditação sobre a Eucaristia na qual sublinha o caráter social deste sacramento. Na Eucaristia, o ágape de Deus vem a nós corporalmente para continuar sua obra em nós e através de nós. Só a partir deste fundamento cristológico e sacramental que se pode compreender corretamente o ensinamento de Jesus sobre o amor. “*Fé, culto e encontro com o ágape de Deus*” se compenetraram mutuamente e são uma única realidade. (DCE, nº 14). Da mesma maneira, para nós, Filhas da Caridade, nosso amor se enraíza na Eucaristia. Uma Eucaristia que não se traduz em serviço é truncada. O amor recebido na Eucaristia se torna serviço à imitação de Jesus que lava os pés de seus discípulos. Nosso carisma nos atrai constantemente às pessoas pobres e marginalizadas da sociedade.

### **Compromisso para a justiça e o serviço da caridade**

*O amor — caritas — será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa. Não há qualquer ordenamento estatal justo que possa tornar supérfluo o serviço do amor.* (DCE, nº 28).

A doutrina social da Igreja sempre se preocupou com a justiça garantindo a cada um, no respeito do princípio de subsidiaridade, sua parte no bem comum.

Diante da pobreza, das injustiças e das múltiplas violações dos direitos humanos no mundo, a Igreja publica uma serie de encíclicas que convidam a uma ordem mais justa dos recursos do mundo, em nome de Cristo. *Deus Caritas Est* reconhece a importância a conceder à busca de uma ordem social justa, na qual cada um recebe sua parte dos bens do mundo sem ser obrigado de depender das ajudas caritativas.

No século XIX, o pensamento marxista se opôs à ação caritativa da Igreja dizendo: “Os pobres não precisam de caridade mas de justiça”. Bento XVI reconhece que a caridade às vezes foi usada para manter o *status quo*. Ele também sublinha a importância do respeito dos limites entre a Igreja e o Estado no exercício das suas respectivas responsabilidades na luta pela justiça. Trata-se aqui de um sério problema porque, como assinala a Encíclica, se não convém que o Estado controle tudo, da mesma maneira, a Igreja, e por extensão as congregações religiosas, “*...não pode nem deve tomar nas suas próprias mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa possível*” (DCE, nº 28). Mesmo que a Igreja não deva ficar alheia na luta para construir uma sociedade justa, é o Estado que primeiro tem a responsabilidade de construí-la.

Aqui, é importante recordar a necessidade para a família vicentina de trabalhar a serviço da justiça e de promover os princípios do ensinamento social da Igreja. O carisma vicentino encoraja os “*fiéis leigos*” a criarem um ambiente no qual os cidadãos escutam o chamado “*a empenhar-se por um justo ordenamento da sociedade*” (DCE, nº 29).

Muitos elementos desta seção da encíclica confirmam as Filhas da Caridade em seu compromisso em favor da justiça hoje, particularmente o trabalho de parceria vicentina pela

justiça social, que encoraja uma cidadania responsável e a erradicação da pobreza através da construção de uma sociedade mais justa. Porém, o desafio de integrar o compromisso pela justiça e o serviço da caridade não é coisa fácil. As Filhas da Caridade e os outros ramos da família vicentina devem igualmente participar dos programas de justiça social em colaboração com outras instituições semelhantes.

O que deve ser bem sublinhado no compromisso da Companhia pela justiça, é que ela se preocupa em estabelecer uma ordem justa na sociedade. A caridade não deve ser um meio em função daquilo que hoje é indicado como proselitismo. O amor é gratuito; não é realizado para alcançar outros fins (*DCE* n° 31).

A doutrina social da Igreja é no centro de sua missão de evangelização. Bem utilizada, ela é uma agente de mudança bem frutuosa. Alguns esforços foram feitos para tornar conhecida a Doutrina Social da Igreja enquanto que uma escola de pensamento afirma que a Igreja deve guardar o silêncio sobre as questões políticas e centrar-se nas questões espirituais.

Como Filhas da Caridade, nós nos perguntamos: qual deve ser nossa implicação no sistema político? Qual é a maneira adequada para tornar conhecida a doutrina social da Igreja? Thomas Massaro afirma, que se trata de uma questão essencial porque, além de identificar os meios para introduzir os valores do Evangelho nos assuntos temporais, corremos o risco de perder o entusiasmo para promover o Evangelho social. Ele diz também que todo trabalho em favor da justiça deve atingir as raízes que provocam as injustiças.

Uma das chaves para a compreensão do carisma vicentino está também no n° 20 da encíclica: *“no seio da comunidade dos crentes não deve haver uma forma de pobreza tal que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida condigna”*. Não é possível administrar este tipo de pobreza somente com a caridade; é necessário promover a justiça mudando as estruturas sociais que conduzem à pobreza.

Através do trabalho de parceria vicentina, a Companhia reafirmou seu compromisso de trabalhar em favor da justiça e promover a doutrina social.

Bento XVI nos lança o desafio de “ajudar a formar as consciências sobre a vida política” e a encorajar um conhecimento melhor das verdadeiras exigências da justiça e uma grande disposição para agir em consequência. Donal Dorr retoma este tema afirmando que o papel da Igreja é antes de tudo indireto, a saber que ela deve despertar as forças morais sem as quais as estruturas justas não são estabelecidas ou não são eficazes a longo prazo. No entanto, seria necessário, se perguntar se a busca da justiça é uma norma fundamental do Estado e no caso onde seria negligenciada, quem deveria obrigar o Estado a assumir suas responsabilidades? A Igreja tem uma função legítima a realizar nestas circunstâncias? A encíclica nos lembra que a Igreja não pode permanecer fora do trabalho pela justiça. Pelo contrário, ela tem o dever de oferecer sua contribuição para compreender as exigências da justiça e os meios para realizá-la a nível político.

Estas questões e outras lançam um certo número de desafios para o trabalho da parceria vicentina e para a Companhia inteira também. Somos continuamente motivadas a ler os sinais dos tempos à luz do Evangelho no trabalho em favor da justiça. Tudo conservando em mente o princípio de subsidiaridade, nós somos chamadas em a redefinir os limites das intervenções adequadas da Igreja no trabalho político para promover uma ordem justa na sociedade. Finalmente, somos chamadas a dialogar com todos aqueles que se preocupam realmente com a dignidade da pessoa humana e o cuidado da criação de Deus. Em vista de um desenvolvimento harmonioso do mundo, é necessário para os cristãos, e portanto para a Companhia, unir sua voz e compromisso pelo respeito dos direitos e necessidades, especialmente dos mais pobres.



## Conclusão: “O amor de Cristo nos impele”

*Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de actividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência (DCE, nº 25a).*

No contexto da luta global pela justiça e o amor no mundo de hoje, Bento XVI termina sua reflexão sobre a perspectiva cristã e o caráter único de sua contribuição:

- Ela oferece a visão do próximo que ultrapassa as fronteiras nacionais, étnicas e religiosas, e sustenta assim o trabalho de criar uma verdadeira solidariedade entre todos os povos.

- Baseado no amor ao próximo, ela oferece uma visão de serviço que ultrapassa a ajuda material.

- Ela tem por objetivo um verdadeiro humanismo que reconhece a inalienável dignidade de cada pessoa criada à imagem de Deus.

- E a fé cristã nos oferece a motivação necessária para o nosso compromisso que não está numa ideologia, mas se inspira no amor de Cristo. “*O amor de Cristo nos impele*” (2 Cor 5, 14) (DCE, nº 33).

Foi bom que esta frase de São Paulo tenha se tornado a divisa das Filhas da Caridade. As Constituições mencionam muitos elementos desenvolvidos nesta encíclica. Esta também sublinha a importância da atitude interior, da oração (nº 25), da devoção a Maria da qual o programa de vida foi dar lugar a Deus encontrado na oração e no serviço do próximo (nº 41), da humildade que deve acompanhar todos os atos no serviço da caridade. Finalmente, há toda uma concepção do serviço da caridade como *diakonia*. A Encíclica coloca o serviço da caridade no centro da missão da Igreja além da proclamação da Palavra de Deus e da celebração dos Sacramentos, “*São três deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros*” (DCE nº 25).

*“Cuidai bem dos pobres, dizia Santa Luísa, eles são nossos mestres e senhores”.*

Irmã Catherine PRENDERGAST  
*Filha da Caridade*

## Notas

<sup>1</sup> Imbelli, Robert P., America, Vol.194, 13 março de 2006, p.9

<sup>2</sup> Constituição 7a, cf. São Vicente de Paulo, 22 de setembro de 1647 sobre a perseverança na vocação.

<sup>3</sup> Conferências de São Vicente de Paulo às Filhas da Caridade sobre a oração, 31 de maio de 1648.

<sup>4</sup> Imbelli, Robert P., America, Vol 194, 13 de março de 2006, P.10

<sup>5</sup> Sobre a importância de reconhecer o amor como um dom, ver, DCE, nº 7 e 17.

<sup>6</sup> Cf. São Vicente sobre a “caridade mútua e o dever de reconciliação”

<sup>7</sup> Jacques Delarue, A fé de São Vicente.

<sup>8</sup> Conferência de São Vicente sobre a “caridade mutua e o dever de reconciliação” às Filhas da Caridade 4 de março de 1658

<sup>9</sup> Ver Deus Caritas est, nº 10

<sup>10</sup> Conferência às Filhas da Caridade sobre o espírito da Companhia, 9 de fevereiro de 1653

<sup>11</sup> Ver, DCE nº 7 e 12

<sup>12</sup> São Vicente testemunha que foi somente através da oração e do serviço dos pobres que ele progressivamente tomou consciência da miséria material e espiritual de seu tempo e do apelo a servir e evangelizar os pobres. Ver a explicação da Regra na conf. de 14 de junho de 1643;

<sup>13</sup> DCE, nº 6 Ver também neste mesmo parágrafo a referência em Lc 17, 33 “Quem busca salvar sua vida perdê-la-á, mas quem perde sua vida por causa de mim salvá-la-á”.

<sup>14</sup> Constituições 11b. Ver também os comentários de São Vicente sobre este tema na conferência sobre o fim da Companhia, 18 de outubro de 1653. Estas passagens mostram a influência de São Paulo nos Escritos de São Vicente.

<sup>15</sup> Constituições 10b

<sup>16</sup> DCE nº 15

<sup>17</sup> Maloney Robert P. - The way of Vincent de Paul: Contemporary Spirituality in the Service of The Poor, New York: City, Press, 1992, p. 26.

## DESAFIOS ATUAIS

### “HOJE, COM NOSSOS FUNDADORES”

Província da África Central (Ruanda)

### Os milagres existem

Somos uma Comunidade internacional de 8 Irmãs de 5 nacionalidades diferentes, enviadas pela Companhia a Mukungu, situado ao sudoeste do país no Distrito de Karongi, Diocese de Nyundo. Em 1996 metros de altitude, esta região é a mais desfavorecida de Ruanda.

Há 37 anos, a Comunidade está a serviço dos verdadeiramente pobres através do Centro de saúde incluindo a clínica, a maternidade e o centro de nutrição. Em resposta aos apelos e sinais dos tempos, os serviços dos pobres se ampliaram: O serviço das Associações de promoção, o serviço das pessoas que vivem com HIV / AIDS, a Pastoral da J.M.V, a Conferência de São Vicente de Paulo, a alfabetização de adultos. E recentemente, em 2006, nós iniciamos o serviço das crianças deficientes (Física, problema de fonoaudiologia, visual, epilepsia, retardo mental, deficiências múltiplas...) em colaboração com a Fundação Liliane.

Uma Irmã foi nomeada pela Visitadora e seu Conselho como intermediária entre a Fundação Liliane e a nossa comunidade. Ela tem a responsabilidade de ajudar na reabilitação médica e social das crianças deficientes. Ela estabelece e mantém o contato direto entre a Fundação Liliane, as crianças e seus pais. Ela visita as famílias das crianças a fim de conhecer melhor a realidade e situação familiar de cada uma delas. Ela visita as escolas e os centros de reabilitação a fim de acompanhar a evolução das crianças e ajudá-las a se integrarem na sociedade. Ela os acompanha até a idade de 25 anos mais ou menos. Toda a Comunidade sente-se implicada neste serviço através do apoio moral e espiritual, do acolhimento, escuta e diálogo, o que abre a estas crianças a porta da vida social e humana.

A Associação “Dufatanye” (*“Ajudemo-nos um ao outro”*) foi criada para ajudar e acompanhar os pais de crianças deficientes. Todos os meses, nós fazemos uma reunião com eles. Partilhamos suas preocupações, suas alegrias, a evolução e os problemas das crianças. Toda família tem a possibilidade de se expressar com toda simplicidade e confiança. Nós também fazemos uma pequena formação sobre os diferentes tipos de deficiência e o tratamento das crianças pela Fundação Liliane, nós também propomos uma formação humana e cristã, juntos, nós lemos a Palavra de Deus.

*“O amor do Senhor se estende de idade em idade”*. Vemos que os milagres se operam, através da ajuda fornecida pela Fundação Liliane: os coxos andam graças às bengalas, os bastões, os aparelhos ortopédicos ou as cadeiras de rodas, os surdos podem receber aparelhos auditivos, os cegos podem melhorar sua visão graças a óculos, certas operações cirúrgicas abrem os olhos dos cegos. Todos podem, então, estudar nas escolas especializadas. As crianças conseguem se desenvolver na sociedade e os pais a aceitar a deficiência de seu filho.

Nossa Comunidade, enviada em missão junto destas crianças que têm uma deficiência e de suas famílias, se deixa evangelizar por eles. Não nos cansamos de admirar sua constância, sua resistência face ao cansaço das viagens porque os centros de reabilitação e as escolas especializadas são muito distantes de suas casas.

As crianças têm uma grande necessidade de serem ajudadas financeiramente para os tratamentos e os estudos e sobretudo de serem acolhidos e de se sentirem reconhecidos. Eles têm sede de serem amados tais como eles são. Muitos se perguntam por que um tal sofrimento. Eles são frequentemente abandonados por seus pais ou rejeitados pelos vizinhos ou os amigos. Se perguntamos a um pai que tem seis filhos, quantos filhos ele tem, ele responde: “5 filhos e um que não é normal”.

Nosso serviço junto a estas crianças sensíveis e a partilha das experiências dolorosas de suas famílias reaviva em nós as palavras de São Vicente no filme “Senhor Vicente”: “... *tu verás que a caridade é pesada a carregar. Mais do que a panela de sopa e o cesto de pão... não é tudo dar a sopa e o pão. Isto os ricos podem fazê-los... quanto mais feios e sujos... mais deverás dar-lhes do teu amor...*”.

Deus caminha conosco, pois, sem Ele, nada podemos fazer. Somos agradecidas pelo dom do amor que Ele nos fez de nos chamar ao seu serviço e nós nos deixamos interpelar e transformar por seus testemunhos de vida.

**Vérène (13 anos)** diz:

*“Bendito sejas Senhor! Hoje, 15 de agosto de 2009; acabo de viver um momento inesquecível em minha vida: o encontro íntimo com o Senhor na santa Eucaristia. Tenho 13 anos e desde os 4, desejei receber Jesus, mas minha saúde não me permitia. Uma fratura aberta mal curada por causa da falta de dinheiro provocou uma osteomielite da perna direita. Sofri muito, não encontrava alívio nenhum. Depois de minha recuperação, entrei na JMV, querendo eu também, servir os pobres de acordo com minhas forças e minhas possibilidades. Com efeito, em 2007, fiz a experiência da solidão na casa, meus pais nos campos e eu doente. Não podia me locomover. Um dia, dois jovens da JMV me visitaram e me ajudaram a me locomover. Falaram-me do amor de Deus e da Virgem Maria para com as pessoas que sofrem e me prometeram rezar por mim. No início de 2008, graças à Fundação Liliane e às Filhas da Caridade, fui tratada no hospital de Rilima. Agora, eu vou melhor, fui operada, comecei a estudar novamente, não sofro mais e participo das atividades normais como as outras crianças. Minha família é muito grata, depois de ter sentido um grande desânimo. O longo período desta doença me permitiu descobrir a presença de Deus em minha vida e na de minha família”.*

**Domitille (16 anos)** testemunha:

*“Deus é Amor! Não tenho outra palavra para dizer senão obrigada a Deus, obrigada à Fundação Liliane, às Filhas da Caridade que me permitiram ser tratada. Minha perna esquerda estava atingida pela osteomielite. Era difícil deslocar-me até mesmo com minhas bengalas. Estava sempre triste e não tinha esperança. Via os jovens de minha idade prosseguindo os seus estudos, brincar e isso me desesperava. Hoje, depois de várias operações, retomei o caminho da escola, não me ridicularizavam mais. Minha recuperação despertou o amor no coração de meus vizinhos, antes, eles ficavam enojados de mim, eu cheirava mal. No entanto, meus pais nunca me tinham me abandonado. Dou graças ao Senhor por seu amor infinito que me fez sentir a felicidade de viver dignamente na sociedade com os outros, não preciso mais de minhas bengalas, estou curada. Tomei a resolução de rezar por todas as crianças deficientes para que elas descubram a bondade de Deus através dos benfeitores e pelos pais para que abandonam seus filhos deficientes porque pensam que eles são inúteis. Quando encontramos os meios de nos tratar ou de estudar em centros especializados, somos como as outras crianças”.*

**Frodouard (20 anos)** explica:

*“Nunca fui feliz em minha infância. Agora, encontrei o caminho da felicidade porque fui cuidado e posso caminhar com minha prótese. Durante a guerra, fui queimado e me amputaram a perna direita, o que me fazia sentir envergonhado. Além disso, meus pais não tinham condições para comprar bengalas adaptadas ao meu tamanho. No meu íntimo, perguntava-me porque, não havia morrido repentinamente. Atualmente, estou no 4º ano secundário; com minha prótese, posso caminhar sem bastão, sinto-me mais humano, recupero o gosto para viver e descobri que Deus tem seus desígnios de misericórdia sobre cada um e a seu devido tempo”.*

**Os pais de Theresa** nos partilharam:

*“Depois de muito tempo de ignorância e crenças nos médicos tradicionais, nós testemunhamos que Deus é Salvador. Nossa pequena Theresa (3 anos) nasceu com uma malformação dos pés. Meu marido e eu a levamos aos médicos tradicionais que nos enganaram.*

*Quanto mais, a criança crescia, mais seus pés se deformavam. Quando não podíamos mais pagar estes médicos, desejaríamos que ela morresse. Tínhamos vergonha, eu escondia a criança em minhas costas e a alimentava no peito às escondidas para evitar todo desdém. Um dia, uma mãe nos orientou para ir ao Centro de Saúde de Mukungu. A enfermeira nos encaminhou à Irmã que cuidava das crianças deficientes. Ela nos acolheu e nos encaminhou para o hospital da Virgem dos pobres Gatagara. Lá, nossa filha foi tratada, curada. Não temos mais vergonha. Não aceitávamos a doença de nossa filha e isto criou alguns mal entendidos entre nós, com os vizinhos e mesmo, nossas famílias começaram a se distanciar de nós. Realmente o Senhor nos salvou, nos mostrou o caminho da alegria. O encontro com as Filhas da Caridade que nos fizeram descobrir a felicidade de crer em Deus, graças à sua ajuda espiritual, moral e financeira. Deus se serve de tudo para procurar sua ovelha perdida, porque nós estávamos perdidos na ignorância. Experimentando a generosidade e a dedicação das pessoas que nos ajudaram e apoiaram, descobrimos e compreendemos que Deus é Amor e que Ele está conosco.*

Rezemos por estas crianças tão constantemente marginalizadas e abandonadas e por suas famílias, sobretudo por aquelas que não conseguem aceitar seus filhos deficientes.

A Comunidade de Mukungu

## HOJE, COM OS FUNDADORES

Província dos Camarões

Carregadas em asas de águias,  
as Filhas da Caridade em Moutourwa

*“Possa o Senhor nos levar sobre asas de águias e nos ajudar... voar com graça para Deus e ensinar aos outros, especialmente aos pobres, como voar, eles também”.* (Padre Maloney, abertura da Assembleia geral de 2003).

O extremo norte dos Camarões é reputado pela beleza de seus locais e a hospitalidade de seus habitantes. As Filhas da Caridade chegaram nesta região em 1972. A Companhia está representada no país por duas comunidades. Muito tempo marginalizado por causa de sua resistência à invasão muçulmana, o povo guiziga pouco a pouco se constituiu em uma sociedade de vida tradicional muito seletiva. Os Guizigas são pessoas muito acolhedoras, simples e felizes.

O clima tropical subsaariano é muito caprichoso. A estação de chuvas fortes entre três e quatro meses e podem ser muito abundantes. A irregularidade de chuvas é um problema sério para a região visto que todas as atividades de vida dependem destas. As rendas vêm principalmente da agricultura e da criação e o alimento principal é o milho. A estação seca é, por consequência muito longa, oito a nove meses com temperaturas entre 32°C e 52°C. A população estimada é de 20.000 habitantes.

### **MOUTOURWA, “SOB AS ASAS DE ÁGUIAS”**

A comunidade das Filhas da Caridade de Moutourwa é formada de quatro Irmãs. A casa está construída junto de uma colina de rocha nesta zona tropical subsaariana. Apesar das condições de vida difíceis, os Guizigas são muito trabalhadores. Sua coragem e boa vontade são sinais da ação de Deus para com este povo que frequentemente passa por decepções devido aos riscos climáticos. Em Moutourwa, vida é marcada por um profundo sentido da comunidade. As

Irmãs são membros ativos desta grande fraternidade e têm um lugar precioso de conselheiras, de mães, de guias, elas são recebidas como colaboradoras e mensageiras de Deus. Esta função que lhes atribuída constitui seu primeiro motivo de aceitação e de integração na grande família dos Guiziga. Eles têm um grande sentido religioso, o deus da religião tradicional dá vida e trabalha para manter isto. Nós, Filhas da Caridade, imitamos Jesus Cristo Evangelizador dos pobres, Ele nos abre as portas e trabalha no coração deste povo. Ele também nos dá a coragem de agir à força de nossos braços e frequentemente com o suor de nossos rostos, sob 50°C.

Cercadas destas pessoas, a comunidade quer responder ao chamado de Deus pela Companhia e “ensinar a voar... muito alto”. Nós nos investimos em todos os setores de vida e atividades: filhos, jovens, homens, mulheres, associações, aldeias... Todos, temos, como membros da família dos Guizigas, a trabalhar juntos para fazer evoluir o estilo de vida e as mentalidades, nós nos esforçamos para o desenvolvimento integral dos habitantes.

Embora a taxa de cristãos esteja em progressão clara, e apesar do número de anos de evangelização constatamos ainda que a maior pobreza é a ignorância religiosa, a falta de enraizamento na fé, a perda dos valores essenciais da cultura, o retorno às tradições... isto se manifesta em formas concretas: instabilidade familiar, desenraizamento cultural, desigualdades sociais... a isto se acrescentam outras formas de pobreza: desnutrição, má administração das colheitas, analfabetismo, falta de estruturas sanitárias... Face a todas estas pobreza, juntos nós tentamos manter a esperança num futuro melhor e ser testemunha da ternura de Deus.

## **O SERVIÇO DAS FILHAS DA CARIDADE “PARA VOAR AOS POBRES”**

A primeira preocupação da comunidade é trabalhar para a melhoria de vida, em primeiro lugar em matéria de saúde, a começar pelas crianças. Os numerosos casos de desnutrição e de doenças infantis exigem a participação e o compromisso de cada Irmã da comunidade. É uma verdadeira corrida de revezamento.

### **A proteção Materna e infantil (PMI)**

O trabalho do PMI que nós fazemos nas aldeias permite acompanhar as crianças de zero a cinco anos. Uma vez por mês, asseguramos em toda estação do PMI um dia de formação para as mães. Com os responsáveis da estação do PMI, a Irmã organiza sessões de formação de animadores para ampliar sua rede e tornar o acompanhamento mais eficaz. Cada uma das aldeias envia um destes animadores habilitados a acompanhar as crianças diariamente na aldeia e advertir a comunidade em caso de dificuldade. Esta formação dos animadores permite sensibilizar sobre a questão da higiene e vacinação, nutrição e as infecções de todo tipo, particularmente a malária que permanece uma das principais causas de mortalidade.

### **O Centro Santa Luísa de Marillac para as crianças desnutridas**

Para continuar a obra destas sessões nas aldeias, a comunidade abriu um Centro para acompanhar mais de perto a saúde das crianças e ensinar às mães a administrar bem o desenvolvimento de seu filho. Na hora das sessões nas aldeias, uma despistagem dos casos de desnutrição é efetuado. A desnutrição é devido às colheitas irregulares, em alguns costumes de nutrição, nas gravidezes próximas, a falta de leite materno e, às vezes, ao descuido de alguns pais. Todas estas pessoas são orientadas para o Centro. Durante sua permanência no Centro, as mães recebem uma formação prática para uma boa nutrição, a higiene e a prevenção das doenças. O Centro pode acolher 20 pessoas, é um lugar convivial e permite voltar à boa forma.

Além desta formação prática, nós damos cursos de costura e de alfabetização para aqueles que desejam. Quando as mães adquiriram uma autonomia no processo de tratamento de seu filho pela regularidade e a preocupação de seu bem estar, elas volta para a aldeia e se tornam

por sua vez uma alternativa. Acompanhamos estas mães durante as sessões do PMI em suas aldeias respectivas.

### **As “farmácias rurais”**

Porque as aldeias às vezes são distantes de mais de 40 Km do Centro, organizamos “farmácias nas aldeias”. Como os animadores do PMI, os futuros farmacêuticos seguem uma formação para reconhecer os sintomas das doenças mais frequentes e administrar os cuidados de primeira necessidade a fim de diminuir a mortalidade.

Cada farmacêutico tem uma pequena farmácia com produtos de primeiros socorros. Eles têm como palavra de ordem dar prioridade às mulheres grávidas e aos idosos. Este serviço está ligado ao hospital de Moutourwa onde nós orientamos muitos doentes pobres dos quais nós pagamos o tratamento. Acompanhamos os casos mais graves em outros hospitais com referência da região.

### **Pessoas contaminadas pelo HIV/ AIDS.**

Como em muitas outras regiões do país, a Aids faz muitas destruições na zona de Moutourwa. Em colaboração com o Comitê de Desenvolvimento da diocese (CODAS-Caritas), nós realizamos campanhas de despistagem. A comunidade se comprometeu a seguir e acompanhar estes doentes, em colaboração com os diferentes hospitais da zona. É primeiramente um trabalho de proximidade, visitas a domicílio, acompanhamento nutricional, respeito das posologias.

Com o Conselho Provincial, o centro DREAM e a comunidade de Dschang, nós procuramos alguns meios para facilitar a obtenção dos antiretrovirais. A aids progride rapidamente. Atualmente, ele constitui uma das preocupações principais da comunidade que deseja aplicar um dos pontos do Documento interassembleias: “sede de responder com uma caridade criativa aos apelos dos pobres e viver todo serviço como uma missão confiada à Comunidade local”.

Nossa missão não se limita ao único respeito da saúde, mas cobre outros campos cuja instrução das crianças, a luta contra a fome. Provemos milho para distribuí-lo, cada mês, para famílias pobres de acordo com suas necessidades. Motivamos outras famílias a fazer o mesmo a fim de guardá-lo no tempo de escassez. Para melhorar sua renda familiar, nós lhes damos também a possibilidade de fazer uma pequena criação para vendê-los, em seguida, no mercado.

Nós também investimos na pastoral do lugar, esta terra de evangelização é um lugar de encontro com outros grupos: as crianças do COP’ Mundo, os jovens, as mulheres, as catequistas. Trabalhamos em estreita colaboração com as Equipes São Vicente (AIC) e a JMV. Através destes diferentes encontros e partilhas, nós ajudamos a população a tomar consciência da dignidade humana, o cuidado do bem comum, a partilha fraterna dos recursos, o aprofundando da fé cristã e a autopromoção. Tentamos unir cada um lá onde ele está, caminhar com ele a seu ritmo e o anima no desejo de promoção.

É assim que levadas sobre as asas da águia, somos testemunhas o Espírito agindo que libera novas energias e nos impulsiona ao quotidiano a responder de maneira sempre mais generosa ao apelo. Em Moutourwa, no meio deste povo, nós cruzamos diariamente “*das pessoas de toda condição, mobilizando-se para testemunhar a verdade, o valor da vida, a dignidade humana, o verdadeiro significado da liberdade*” como diz o Documento “Deixemo-nos transformar pelo Espírito”.

## ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

### NOMEAÇÕES

Nomeações das Visitadoras  
e dos Diretores provinciais

PROVÍNCIA DO VIETNÃ: Irmã Justina TRAN THI TUOI foi designada Visitadora por mais três anos, em 1º de abril de 2009.

PROVÍNCIA DA ARGENTINA: Irmã Graciela Judith PELLERIN AZABAL foi designada Visitadora, em substituição de Irmã Clementina AQUINO, em 16 de dezembro de 2009.

PROVÍNCIA DE BELO HORIZONTE: Irmã Maria das Graças ALVES foi designada Visitadora por mais três anos, em 16 de dezembro de 2009.

PROVÍNCIA DE TURIM: Irmã Pia BERTAGLIA foi designada Visitadora por mais três anos, em 16 de dezembro de 2009.

PROVÍNCIA DA VENEZUELA: Irmã Yolanda ZAMBRANO PALENCIA foi designada Visitadora por mais três anos, em 16 de dezembro de 2009.

PROVÍNCIA DA COLÔNIA: Irmã Hildegard KOHLER foi designada Visitadora por mais três anos, em 23 de março de 2010.

PROVÍNCIA DE BARCELONA: Irmã Eduarda VERGARA SAEZ foi designada Visitadora em substituição de Irmã Maria Cruz ARBELOA HUARTE, em 23 de março de 2010.

PROVÍNCIA DE GIJON: Irmã Maria Margarita GARCIA CARREIRA foi designada Visitadora em substituição de Irmã Julia del BARRIO GONZÁLEZ, em 23 de março de 2010.

\* \* \* \* \*

O Padre Javier ALVAREZ foi renomeado Diretor geral por três anos, em 15 de março de 2010.

\* \* \* \* \*

PROVÍNCIA DA VENEZUELA: o Padre Antônio GONZÁLEZ LOPEZ foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 20 de janeiro de 2010.

PROVÍNCIA DO EQUADOR: o Padre John PRAGER foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 26 de janeiro de 2010.

PROVÍNCIA DO MÉXICO: o Padre Francisco Javier GARCIA ORTIZ foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 4 de março de 2010.

PROVÍNCIA DA ETIÓPIA: o Padre Asfaw FELEKE foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 30 de março de 2010.

PROVÍNCIA DA GRÃ BRETANHA: o Padre Fergus KELLY foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 15 de abril de 2010.

## TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Emmitsburg

### Celebração do Bicentenário da chegada de Elizabeth Ann Seton em 1809

Para a Província de Emmitsburg, o ano de 2009 foi marcado pela celebração do Bicentenário da chegada em 1809 de Elizabeth Ann Seton em nossa cidade da Maryland. Começado oficialmente no dia 4 de janeiro de 2009, o ano do Bicentenário a da herança Seton para as Filhas da Caridade da América do Norte encerrou-se no dia 2 de agosto de 2009 na Basílica do Santuário de Santa Elizabeth Ann Seton em Emmitsburg.

#### **UM POUCO DA HISTÓRIA**

Santa Elizabeth Ann Seton, nascida em 28 de agosto de 1774, em Nova Iorque e falecida no dia 4 de janeiro de 1821, em Emmitsburg, é a primeira mulher americana a ser canonizada pela Igreja católica (1975) e a fundadora das Irmãs da Caridade de São José, em Baltimore (1809).

Criança, Elizabeth Ann é batizada na Igreja anglicana episcopaliana e cresce em Nova Iorque. No dia 25 de janeiro de 1794, ela se casa com William Seton e têm 5 filhos. William, atingido por tuberculose, parte para a Itália, acompanhado de sua esposa e de sua filha primogênita, com o objetivo de recuperar a saúde, mas ele morre em 27 de dezembro de 1803 deixando Elizabeth viúva com 29 anos e 5 filhos. A família Felicchi, de Livorno, grandes amigos da família Seton, oferece então a hospitalidade a Elizabeth. É aí que ela é particularmente tocada pela fé católica de seus anfitriões. Depois de seu retorno a Nova Iorque, ela decide converter-se ao catolicismo. Em 14 de março de 1805, Elizabeth Seton é recebida na Igreja Católica por Dom Carroll, primeiro Bispo de Baltimore. Esta decisão a distancia de sua família e de todo o seu círculo amigável. Sua vida era tão dura que seus meios materiais são precários depois da falência da empresa familiar. Em junho de 1808, Dom Carroll convida-a a ir a Baltimore para abrir uma escola para as meninas da cidade. Um benfeitor generoso assume o financiamento. A escola é instalada em Emmitsburg e a obra começa no dia 31 de julho de 1809. Logo outras mulheres se reúnem ao redor de Elizabeth, dedicadas à educação das crianças pobres, e a Comunidade das Irmãs da Caridade dos Estados Unidos começa sua obra. Em janeiro de 1812, as Constituições das Irmãs da Caridade são aprovadas, fazendo da educação das meninas uma prioridade. Em 1814, três Irmãs são enviadas à Filadélfia para estabelecer a primeira missão das Irmãs da Caridade, fora de Emmitsburg. Em 1821, Elizabeth Ann Seton morre. Em 1832, Irmãs da Caridade de Emmitsburg partem de Baltimore para cuidar das vítimas do cólera, em seguida para São Luís, Nova Orleães, Albânia, Boston, Filadélfia, Washington, Nova Iorque. Em 1850, a Comunidade das Irmãs da Caridade de Emmitsburg se une com a Companhia das Filhas da Caridade. Estas são as primeiras Filhas da Caridade dos Estados Unidos. Estas se estabelecem na Província dos Estados Unidos que, em 1910, se dividem em duas Províncias: a Província de Emmitsburg e a Província do oeste. As Irmãs da Caridade das outras dioceses, também, continuam se desenvolvendo. Em 1947, as Comunidades das Irmãs da Caridade de várias dioceses se reúnem em federação e constituem a Confraria das Filhas de Madre Seton. Nos anos de 1980, outras Comunidades de Irmãs da Caridade se juntam a Federação.



#### **4 DE JANEIRO DE 2009: ABERTURA DO BICENTENÁRIO DA HERANÇA SETON PARA AS FILHAS DA CARIDADE DA AMÉRICA DO NORTE.**

O ano 2009 foi marcado, para a Província de Emmitsburg, pela celebração do bicentenário da chegada de Elizabeth Ann Seton a Emmitsburg, Maryland, há 200 anos. O ano do Bicentenário da herança Seton para as Filhas da Caridade da América do Norte começou, oficialmente, no dia 4 de janeiro de 2009 na Basílica de Emmitsburg.

No dia 4 de janeiro de 2009, dia da festa de Santa Seton, mais de 600 pessoas se reuniram na Basílica do Santuário de Santa Elizabeth Ann Seton, em Emmitsburg, Maryland. A Eucaristia foi concelebrada por muitos padres da Universidade e do Seminário do Monte Santa Maria e dos Padres da Missão de Emmitsburg e Filadélfia, ela é presidida pelo Pai Ronald D. Witherup, Superior geral dos Sulpicianos. Com efeito, foram os Sulpicianos que ajudaram Santa Elizabeth Ann e as primeiras Irmãs nos inícios da Congregação, oferecendo-lhes o acompanhamento espiritual e os estímulos necessários nos primeiros momentos da comunidade. Foram eles também que trouxeram de Paris as Regras das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo para ajudar Elizabeth Ann Seton para formular suas próprias Constituições.

Depois da Eucaristia, Irmã Betty Ann McNeil, Filha da Caridade, Arquivista provincial, apresenta uma obra de arte: um tríptico com 215 fotos em miniatura, publicações e pedaços de acontecimentos memoráveis. Este tríptico reflete 200 anos de história, caridade e dedicação, começadas por um grupinho de mulheres em Emmitsburg sob a inspiração de Santa Elizabeth Ann Seton.

#### **23 DE MAIO DE 2009, ENTREGA DA MEDALHA DO BICENTENÁRIO**

Um outro acontecimento importante deste ano jubilar foi a atribuição da Medalha do Bicentenário da herança de Caridade Seton durante uma cerimônia aberta ao público em geral, aos meios de comunicação, às famílias e aos amigos. No sábado 23 de maio de 2009, na Basílica do Santuário de Santa Elizabeth Ann Seton, em Emmitsburg, 50 pessoas de origens diferentes foram recompensadas e honradas com esta medalha por seu serviço caritativo no espírito de Santa Elizabeth Ann Seton. Foi Dom Kevin C. Rhoades, D.D., Bispo da Diocese de Harrisburg quem presidiu esta celebração e remeteu as medalhas. Os convidados vieram de todos os países: Itália, Canadá, Coreia... Eles representaram diferentes áreas de atividade: serviços sociais, educação, tratamentos de saúde, formação no Espírito de Santa Elizabeth Ann Seton, promoção da herança Seton. Entre elas, estavam as Filhas da Caridade, as Irmãs da Caridade da Federação e diferentes grupos diocesanos.

#### **DE 31 DE JULHO A 2 DE AGOSTO DE 2009: FIM DE SEMANA DO BICENTENÁRIO**

O ponto culminante do ano foi o final de semana do Bicentenário na Casa Provincial de Emmitsburg de 31 de julho a 2 de agosto de 2009.

#### **Sexta-feira, 31 de julho: apresentação cênica na Basílica Santa Elizabeth Ann Seton**

No primeiro dia, uma grande produção foi apresentada na Basílica dedicada a Santa Elisabeth Ann Seton.

A Visitadora da Província de Emmitsburg, Irmã Claire Debes, dirigiu palavras de boas vindas às numerosas pessoas presentes: Filhas da Caridade dentre as quais Irmã Evelyne Franc, Irmãs da Caridade dos Estados Unidos, o Presidente da Associação Nacional da Educação Católica, amigos das escolas católicas, etc. Em seguida, apresenta a grande apresentação que retratará os acontecimentos decisivos destes 200 anos desde a fundação das Irmãs da Caridade

por Elizabeth Anne Seton. Em cada momento chave, os atores, representam figuras importantes do passado, surgiam da sombra para ir ao encontro daqueles de hoje.

Depois desta grande apresentação histórica, Irmã Claire Debes entregou a Medalha do Bicentenário da herança de Seton ao Prefeito da cidade de Emmitsburg, em reconhecimento por tudo o que a cidade e seus habitantes fizeram para sustentar a Comunidade durante estes 200 anos. Em seguida, ela também entregou a Medalha a Irmã Evelyne Franc, Superiora geral das Filhas da Caridade. Sua presença simbolizava, para todos, o vínculo estreito que existe entre os Fundadores franceses e as numerosas Filhas espirituais de Mère Seton que continuam vivendo o mesmo espírito de serviço de Cristo nos pobres. Com Elizabeth Anne Seton, as escolas para crianças de todos os meios sociais começaram a ser estabelecidas. Rapidamente, elas se multiplicaram. Depois do Concílio Vaticano II, ampliou-se a possibilidade de responder às novas necessidades sem deixar de apoiar as formas tradicionais de educação. As Irmãs formam os leigos que trabalham em suas Escolas Católicas para sustentá-las em suas tarefas e permitir a outras Irmãs de responder às novas formas de pobreza: imigração, fome, sem domicílio...

No âmbito destas celebrações do Bicentenário, o Comitê de coordenação decidiu dedicar uma parte do orçamento para ajudar uma Escola que coloca tudo os seus recursos para acolher as crianças de famílias pobres e desenvolver a aprendizagem do espírito de serviço, em fidelidade ao espírito de Mère Seton.

### **Sábado, 1º de agosto de 2009: A Eucaristia e concerto**

No dia 1º de agosto de 2009, o cardeal Francis George, O.M.I., Arcebispo de Chicago, Presidente da Conferência dos Bispos católicos dos Estados Unidos, presidiu a Eucaristia da manhã. Em sua homilia, o Cardeal recordou que a Igreja contava com nosso testemunho através de nossos diferentes serviços e os valores que nós promovemos. Ele insistiu no fato de que nós devemos continuar buscando os mais pobres entre os pobres e a responder os novos desafios.

À tarde, todos os participantes foram convidados a um concerto especial na Basílica. Foi uma experiência maravilhosa de partilhar através da música, tão cara ao coração de Elizabeth Ann Seton.

### **Domingo, 2 de agosto de 2009: Eucaristia e bênção do Jardim da herança Seton**

#### ***Eucaristia com o Superior geral***

As 8 horas, o Padre G. Gregory Gay, Superior geral presidiu a celebração eucarística. Foi um verdadeiro privilégio ter conosco o Padre Gregory por ocasião do Bicentenário. Foi duplamente significativo para todos nós que o Padre Gregory, originário de Maryland, que conhece bem Elizabeth Ann Seton e Irmã Evelyne, estivessem presentes para celebrar conosco esta grande festa.

#### ***O Jardim da Herança Seton***

Em seguida, houve a bênção e a cerimônia da dedicácia do Jardim da herança. Todos os membros que fundadores das comunidades da Federação Seton estavam lá representados.

Este Jardim da herança Seton honra o bicentenário da fundação das Irmãs da Caridade de São José em Emmitsburg, Maryland. O jardim é feito de ruelas que se estendem por trás da primeira casa permanente de Santa Elizabeth Ann em “Saint Joseph’s Valley”. Estas conduzem para zonas de reflexão ou são escritas citações de Santa Elizabeth Ann sobre os tijolos, os pavimentos, os bancos...

Considerando que a herança de Seton continua seu percurso no novo centenário, o Jardim da Herança Seton embelezará os lugares abençoados de Santa Elizabeth e servirá como lugar de oração para as gerações que o visitarão.

### ***Eucaristia do bicentenário***

O ponto culminante dos três dias foi a Eucaristia do Bicentenário celebrada no domingo, 2 de agosto de 2009, ao meio dia na Basílica Santuário de Santa Elizabeth Ann Seton, em Emmitsburg, Dom Dennis Madden, bispo auxiliar da Arquidiocese de Baltimore, (cidade onde Santa Elizabeth Ann reuniu as primeiras Irmãs da Caridade) presidiu a celebração eucarística. Os participantes são numerosos: muitos alunos das diversas escolas secundárias que estão sob a proteção de Elizabeth Ann Seton, os membros das Congregações da Federação das Irmãs da Caridade, o coral da Escola secundária Elizabeth Ann Seton de Bladensburg.

Durante a procissão de entrada, foram apresentados a bandeira do bicentenário, as Regras comuns das Filhas da Caridade, os selos das Congregações membros fundadores da Federação das Irmãs da Caridade, uma imagem de São José que pertencia a Santa Elizabeth Anne Seton, um ícone do Cristo Redentor, dado a ela por seu marido. Depois da homilia muito dinâmico de Dom Dennis Madden, as oferendas são feitas por uma Filha da Caridade e três Irmãs da Caridade. O canto de envio foi uma interpretação notável de “Now Let Us Praise”, cântico escrito em 1975 por ocasião da canonização de Mère Seton.

Assim terminou o ano do Bicentenário da Herança Seton. Estas celebrações reforçaram os vínculos entre todos e são, para cada um e cada uma, um trampolim para continuar com amor esta bonita missão da educação dos jovens e do serviço dos pobres.

Irmã Mary Jean HORNE  
*Filha da Caridade*

### TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Quase Província

Na catedral de Nossa Senhora de Paris,  
Celebração da festa de Santa Luísa de Marillac  
14 de março de 2010

Para celebrar Santa Luísa de Marillac neste ano jubilar, a família vicentina se reuniu no domingo 14 de março de 2010, na catedral de Nossa Senhora de Paris, para uma Eucaristia solene presidida pelo Cardeal André Vingt-Trois, Arcebispo de Paris. Ele estava acompanhado pelo Padre Grégory Gay, Superior geral, o Padre Javier Alvarez, Diretor geral e mais de 90 Padres e coirmãos. Na assembleia presente, estavam numerosos fiéis bem como as Filhas da Caridade, os membros das Equipes São Vicente (AIC) e da Sociedade São Vicente de Paulo, os jovens do Movimento da Juventude Marial, Irmãs da Caridade de Estrasburgo vindas da Alsácia e grupos da família vicentina da Itália...

Depois da procissão de entrada, as relíquias de Santa Luísa e de São Vicente foram colocadas diante da estátua de Nossa Senhora. Em seguida, Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, agradeceu o Arcebispo por seu acolhimento e seu desejo de celebrar conosco os nossos Fundadores, em seguida, ela evocou a figura missionária de Luísa de Marillac. O Cardeal fez uma homilia muito interpeladora; antes da bênção final, ele leu uma mensagem do Papa, transmitida pelo Núncio Apostólico, unindo-se à homenagem prestada à Santa Luísa pela família vicentina.

**HOMILIA DO CARDEAL ANDRÉ VINGT-TROIS,  
ARCEBISPO DE PARIS**

4º Domingo da Quaresma, Ano C, 2Co 5, 17-21; Lc 15, 1-32

Irmãos e irmãs,

Na epístola aos Coríntios São Paulo nos falava “de um mundo antigo que passou e de um mundo novo que já nasceu”, de um mundo que “vem de Deus, que nos reconciliou consigo, por Cristo” (2 Co 5, 17-18). Meditando sobre esta passagem, podemos nos interrogar sobre o que nós oferecemos de novo a este mundo que é nosso.

Quando nós fazemos memória da ação de São Vicente Paulo e de Santa Luísa de Marillac no século XVII, podemos identificar esta novidade que eles fizeram surgir, quando a fome reinou em algumas regiões da França ou em algumas categorias da população, quando tantas crianças eram abandonadas, quando os condenados eram tratados de maneira desumana, quando a guerra semeou a desolação pela Europa, quando os doentes não eram tratados ou quando os idosos eram abandonados. Apesar da distância entre os meios que eles dispunham e as necessidades às quais eles tiveram que enfrentar, São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac trouxeram realmente a esta época terrível em muitos aspectos, uma luz de esperança para aqueles que eram esmagados pela miséria. Ainda hoje, através do mundo, muitos homens e mulheres, dos quais ignoramos ou não a angústia, são vítimas da fome, das guerras, das doenças. Milhares esperam, não tanto soluções milagrosas para sua angústia, mas pelo menos um sinal de esperança e atenção, um sinal que lhes façam sentir que eles não são esquecidos nem abandonados, mas que homens e mulheres aceitam, senão de cuidar deles, pelo menos preocupar-se com eles.

Em nossa sociedade francesa, estas angústias extremas são hoje menos gritantes, embora às vezes, elas sejam ocultadas ou desconhecidas. Para a grande maioria que não conhece o drama da miséria material, o que nós podemos, pois, trazer de novo? Parece-me que a figura do Pai que acolhe o filho pródigo, tal como aparece na parábola, é esta novidade que o nosso mundo precisa. Com efeito, a nossa sociedade se alimenta de paradoxos. Por um lado, ela apaga mais ou menos discretamente a fronteira entre o bem e o mal e renuncia pronunciar julgamentos de valor sobre os diferentes modos de viver e a dizer o que é bom para o homem, contanto que seja preservado uma certa paz social e que a violência seja evitada. E, ao mesmo tempo, esta sociedade que parece quase ter conseguido fazer desaparecer o sentido da falta e da culpa, caça os culpados e organiza os processos, as enquêtes e as denúncias. Tudo acontece como se a culpa que se quis fazer desaparecer se vingasse e se impusesse inexoravelmente sobre aqueles que designamos como os culpados. Esta sociedade que nada perdoa de ninguém parece no fundo, muito com os fariseus e os escribas do Evangelho (Lc 15, 2), que não compreendem que Cristo possa acolher bem os pecadores. Eles se vêem imaculados e denunciam dia após dia os defeitos dos outros, ou até mesmo conhecem seus defeitos e crimes, mas nunca se questionam sobre o arrependimento, a conversão e a renovação.

É neste mundo que nós devemos ser capazes de levar uma luz de esperança sem nos unir aos gritos dos acusadores, mas aceitando colocar-nos ao lado dos acusados. Devemos ousar manifestar o rosto do Pai que abre os braços ao culpado, cada vez que este reconhece seu pecado

e pedido de perdão. Como São Paulo no-lo convida, nós somos os embaixadores de Cristo para chamar os homens em seu nome: “É Deus mesmo que exorta por nosso intermédio. Em nome de Cristo vos rogamos: reconciliai-vos com Deus!” (2 Co 5, 20).

Eis uma bonita maneira de viver nosso caminho de conversão para a Páscoa: tornar-se atores da reconciliação, do perdão e da paz e anunciar nesta sociedade que o homem é maior que seu pecado e seus crimes, que “Deus é maior que o nosso coração” (1 Jo 3, 20). Podemos dar sinal desta misericórdia por nossa maneira de viver na Igreja, banindo de nossas relações a agressividade, a denúncia ou até mesmo o ódio. Porque se nós nos amamos uns aos outros, aqueles que nos vêem poderão acreditar que Deus é amor. Mas se nós nos desprezamos e dilaceramo-nos uns aos outros, como quereis que aqueles que nos cercam possam acreditar na misericórdia do Pai?

Como o filho pródigo, precisamos, nós também, retornar sobre nós mesmos e colocar-nos a caminho para vir nos lançar aos pés do Pai e dizer-lhe: “Não sou mais digno de ser chamado teu filho” (Lc 15, 19). Talvez, não porque tenhamos levado uma vida desregrada, mas pelo menos porque nós nos deixamos levar pelo movimento da acusação, do ódio e do desprezo de nossos irmãos. Não sou mais digno de ser chamado teu filho porque não me comportei como irmão. Então o Pai poderá nos abrir seus braços e nós entraremos no poder sempre novo da misericórdia. Mais profundamente que o mal que nós fizemos, Deus virá purificar nossos corações deste vírus do ódio, do desprezo e da violência.

Irmãos e irmãs, iluminados pelo testemunho de Vicente de Paulo e de Luísa de Marillac, apoiados pela longa continuidade de homens e mulheres que se colocaram a caminho depois deles, nós somos convidados hoje a visitar a miséria daqueles que são acusados e declarados culpados por outros que decidiram que não havia mais lei moral. Quando não se diz mais o que é bom e o que é mal, como saber se agimos bem ou mal, como não sucumbir ao rumor, à acusação hipócrita e à denúncia selvagem lançada por aqueles que desejam que esqueçamos as sombras da sua própria vida?

Irmãos e irmãs, podemos contar com a intercessão de São Vicente de Paulo, de Santa Luísa de Marillac, de Santa Catarina Labouré, da bem-aventurada Irmã Rosalie Rendu, do bem-aventurado Frederico Ozanam, e de tantos homens e mulheres que foram tocados no coração pelo amor do Pai e se tornaram missionários do amor. Que sua oração e proteção façam de nós testemunhas da reconciliação e missionários da esperança. Sejamos testemunha daquilo que cada homem e mulher deste mundo, e cada um de nós pessoalmente, têm valor aos olhos de Deus e é esperado por um Pai misericordioso. Amém.

Cardeal André VINGT-TROIS  
*Arcebispo de Paris*

#### TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Casa Mãe

Na Capela da Medalha milagrosa,  
celebração da festa  
de Santa Luísa de Marillac  
Segunda feira, 15 de março de 2010

No dia 15 de março de 2010, os leigos vicentinos, os Padres e as Filhas da Caridade se encontraram na Capela da Rua do Bac para celebrar Santa Luísa durante uma Eucaristia festiva presidida pelo Padre Gérard Du, Assistente geral. Os fiéis também estavam presentes; a Capela estava lotada. Em sua homilia, o Padre destacou o quanto Santa Luísa contemplou a humildade de Jesus Servo.

### **HOMILIA DO PADRE GÉRARD DU, ASSISTENTE GERAL**

Queridos irmãos e irmãs,

Quando eu contemplo a cena evangélica do lava pés, lembro-me das palavras que Jesus pronunciou num momento depois, na mesma noite da quinta feira santa, em resposta a um pedido do apóstolo Filipe: “Mostra-nos o Pai”. Jesus lhe diz: “Quem me vê, vê o Pai”: Jesus é a manifestação invisível do Pai. O Pai de Jesus Cristo e, portanto, nosso Pai é um Deus servo do homem, qualquer que seja o seu estado. Além disso, a primeira leitura, tirada do livro de Isaías, já nos mostrou um Deus preocupado com o homem esmagado pela opressão, a injustiça e a miséria material.

A espiritualidade de Santa Luísa se estrutura em torno do eixo central do cristianismo, a Encarnação, que vem manifestar ao mundo o mistério de Deus. A humildade está no centro do mistério de Deus. Luísa medita longo tempo sobre os gestos de humildade de Jesus durante sua vida pública. Em particular, o lava pés de seus discípulos é para ela, um convite a não buscar sua própria glória. Não pode ter assunto nenhum que me impeça de me humilhar, a exemplo de Nosso Senhor... quem se aniquilou até o ponto de lavar os pés de seus apóstolos”.

Para Luísa, Jesus é o verdadeiro servo, manso e humilde, que dá sua vida para a salvação de todos. No final deste Evangelho, Jesus conclui: “É um exemplo que vos dei para que vós façais, também, como eu fiz por vós”. Luísa sabe que todas as ações do Filho de Deus são apenas para nosso exemplo e instrução, mas particularmente sua vida. Luísa deseja que sua vida e a das Filhas da Caridade sejam uma continuação da vida de Jesus.

Portanto, todos aqueles e aquelas que desejam engajar-se, colocar sua vida ao serviço dos outros, dos pobres, devem impregnar-se da vida de Jesus Cristo. Cristo em sua encarnação se une e se identifica de certo modo com todo homem que se torna a imagem do Filho de Deus, embora esta imagem seja desfigurada pela miséria espiritual e material.

A exemplo de Cristo que foi ter com os rejeitados da sociedade, Santa Luísa envia suas Filhas lá onde o homem é mais maltratado, junto das crianças abandonadas, dos galerianos tratados como animais, junto aos doentes que se amontoam em seus casebres, junto das populações devastadas pela guerra e que morrem de fome. Todos, quaisquer que sejam, são membros da natureza humana que Cristo assumiu.

Luísa pede às Irmãs que servem os pobres para revelarem através de suas ações, suas palavras e seus gestos, o profundo respeito que têm por eles: “Peço-vos, servis nossos queridos mestres (= os pobres) com doçura, respeito e cordialidade, vendo sempre Deus neles”.

No diário de sua vida, as Irmãs são convidadas a deixar o Espírito de amor, este fogo divino, invadir seu ser, em particular graças à Eucaristia e a oração. É nesta união íntima com o amor divino que as Irmãs encontrarão força, energia, iniciativa, criatividade para realizar o serviço de amor junto daqueles que sofrem a pobreza sob todas as suas formas antigas e novas.

Queridos Irmãos e Irmãs, este convite é hoje dirigido a todos nós, que desejamos tornar vivo o carisma que São Vicente e Santa Luísa nos legaram. Este carisma está ancorado no coração da mensagem de Cristo e assegurou a felicidade eterna aos dois fundadores, bem como a tantos outros que seguiram seus passos.

Padre Gérard DU  
*Assistente geral*

## TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Curitiba (Brasil)

### Itinerário da Pastoral Vocacional

O jubileu do 350º aniversário da morte de São Vicente de Paulo e de Santa Luísa de Marillac é para as Filhas da Caridade um tempo de graça e de renovação. São 350 anos passados e nossos Fundadores continuam atraindo as gerações jovens. O fogo da caridade que os dinamizou ainda é fonte de encorajamento para as pessoas que desejam doar-se para o serviço dos pobres. O carisma que irrigou o coração dos Fundadores irriga o nosso e nos torna participantes e continuadores do Projeto que eles começaram.

#### **No Brasil**

A história da pastoral vocacional da Província de Curitiba está situada no contexto da Igreja do país. É uma história rica e cheia de desafios. Depois do Concílio Vaticano II, a Conferência dos Bispos do Brasil começou um processo de reflexão sobre o tema da vocação. Várias iniciativas se tornaram realidades. A reflexão teológica sobre a Igreja “Povo de Deus” causou uma evolução da Pastoral vocacional, a consciência missionária dos cristãos e a necessidade de desenvolver uma Pastoral vocacional que levasse em conta a realidade brasileira, seus múltiplos desafios, de acordo com o método ver, julgar e agir.

Em 1983, a reflexão inicial foi encerrada com a criação do primeiro ano da Pastoral vocacional. Seu objetivo era de obter, no contexto da Igreja nacional, diocesana e paroquial, o despertar de vocações e a formação dos jovens. Antes disso, desde 1971, o mês de agosto foi instituído como o “Mês vocacional”.

O dinamismo desta Pastoral no Brasil envolvendo todos os setores da Igreja, ganhou importância com a organização do Congresso Vocacional tendo por objetivo a formação das equipes diocesanas e paroquiais. Em 2005, foi o Ano Vocacional, tendo por tema: “*Batismo, fonte de todas as vocações*”, enfatizou o compromisso de todos os membros da Igreja: padres, leigos e consagrados.

#### **NA PROVÍNCIA DE CURITIBA**

O desenvolvimento da Pastoral vocacional brasileira permitiu às Igrejas locais e aos Institutos de Vida Consagrada desenvolver sua Pastoral vocacional. No acompanhamento dos jovens, as Irmãs da Província levam em conta as proposições diocesanas e paroquiais.

#### *Um pouco da história*

Situada no sul do Brasil, a Província de Curitiba começou em 17 de outubro de 1904, com a chegada de três Filhas da Caridade da Província de Chelumno (Polônia) para servir os imigrantes poloneses. No início, as jovens se interessavam espontaneamente à Companhia e à sua missão, o que favoreceu o rápido crescimento do número de Irmãs na região. A partir de 1964, com as mudanças da Igreja e da sociedade, as vocações diminuíram. Foi o começo de uma era nova para a Província. Em 1971, por falta de candidatas, o Seminário ficou fechado. Naquele ano, a Diretora do Seminário e as Irmãs de ofício formaram uma equipe de reflexão e começaram a Pastoral vocacional. Indo do norte ao sul da Província com o objetivo de conscientizar as Irmãs sobre a necessidade de assumir juntas o trabalho vocacional, elas planejam e organizam encontros provinciais, regionais e locais para os jovens interessados pela missão da Companhia.

Era o começo de um projeto audacioso e frutuoso que ainda hoje subsiste, esforçando-se para apoiar as novas vocações. Hoje, a missão da Pastoral Vocacional é despertar, cultivar e acompanhar as jovens na sua escolha vocacional. A nível Provincial, uma Irmã tem por missão animar esta Pastoral. Sua missão é acolher e acompanhar as jovens que manifestam o desejo de entrar na Companhia. Para esta Pastoral, a Província foi dividida em 8 regiões, cada uma, com uma Irmã responsável para este serviço. Cada Comunidade local também tem uma Irmã responsável para a animação das jovens. A Irmã responsável a nível Provincial organiza para as jovens, com a equipe de Irmãs responsáveis no plano regional, as reuniões, os tempos de formação, os retiros espirituais, as visitas às suas famílias. Elas também organizam um programa para as Irmãs animadoras de cada Comunidade. Nestes últimos anos, a equipe das Irmãs responsáveis colabora com a Pastoral vocacional dos Padres da Missão em vista da formação dos leigos e o despertar das vocações. Os membros da Família Vicentina também participam desta formação.

Neste ano de 2010, por ocasião das celebrações do 350º aniversário da morte dos Fundadores, a Pastoral Vocacional organizou um projeto “Reacender a chama”. Uma grande vela, símbolo vocacional, é transmitida de uma Comunidade a outra. Quando a vela está numa Comunidade, as Irmãs organizam tempos fortes de oração e de reflexão com os seus colaboradores sobre o tema do Jubileu: “Caridade e missão”. Este projeto está enraizado na convicção de que a vocação é um dom de Deus. Ele é Aquele que toma a iniciativa e chama gratuitamente. No Evangelho, Aquele que chama é o mesmo que envia. A Pastoral Vocacional é uma ação evangelizadora e missionária. Deus nos chama todos e nos envia ao mundo para servir o povo de Deus e a humanidade. A partir do Documento de Aparecida, a Igreja da América Latina convocou todos os discípulos de Jesus Cristo a prosseguir sua missão evangelizadora, como missionárias. Isto abre um horizonte novo, especialmente para o serviço vocacional.

Durante estes seis últimos anos, a Província se comprometeu a dar uma atenção particular às primeiras etapas da formação. Para as jovens que apresentam o desejo de viver a vocação de Filha da Caridade, a Pastoral Vocacional organiza todos os anos um retiro. Algumas delas são acolhidas como aspirantes por um ano, no mínimo. Com a Irmã responsável por esta fase, as aspirantes aprendem a viver juntas, em comunidade. Outras Irmãs ajudam na formação das aspirantes, dando cursos da Sagrada Escritura, de liturgia, de espiritualidade vicentina, etc. Uma psicóloga (Filha da Caridade) acompanha cada jovem pessoalmente. A Província tem duas Comunidades de Aspirantes. Este ano, temos 10 Aspirantes, 4 Pré-postulantes, 3 Postulantes e 5 Irmãs do Seminário. Embora a Companhia do futuro seja fruto de um tempo novo, o seguimento de Jesus Cristo com os Fundadores sempre será a dinâmica das vocações.

Irmãs Bernadete VALENGA e Neriuzza FRANCO  
*Filhas da Caridade*

#### TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Turim

Irmã Giuseppina Nicoli,  
Patrono da seção feminina de uma prisão

Em Turim, uma Capela foi dedicada à Bem-aventurada Giuseppina Nicoli. Não se trata de uma paróquia nem de uma Igreja vicentina, mas da Capela da Prisão “Vallette” - Seção feminina - onde depois de um Século as Filhas da Caridade estão diariamente a serviço dos condenados.



O projeto de dedicar a Capela da prisão à nova Bem-aventurada tinha sido proposto ao Cardeal Poletto quando veio à Casa Provincial celebrar a Eucaristia de ação de graças pela beatificação de Irmã Nicoli.

***“Declaro, que de hoje em diante a Bem-aventurada Giuseppina Nicoli, Filha da Caridade, é patrona da seção feminina da prisão”.***

Estas palavras do Cardeal Poletto, Arcebispo de Turim, teriam sem dúvida tornado Irmã Giuseppina Nicoli muito feliz. Com efeito, ainda em vida, tinha acompanhado as Irmãs a serviço dos condenados na prisão de Sassari (Sardenha) e passado lá um dia inteiro, tentando ajudar e confortar os prisioneiros que viviam em condições de grande pobreza. Um único dia tinha sido suficiente para compreender o quanto estas pessoas deviam ser objeto de predileção para as Filhas da Caridade, pois elas viviam num profundo desespero esperando reencontrar um dia, a liberdade. Irmã Nicoli tinha desejado servir nesta estrutura carcerária.

Esta declaração solene do Cardeal Poletto causou uma grande emoção entre as pessoas presentes, especialmente os condenados que, desde o dia da beatificação de Irmã Nicoli, em 3 de fevereiro de 2008, já conhecia e invocava sua futura patrona.

No domingo pela manhã, antes do Natal, o Cardeal celebrou a Eucaristia na Capela da Casa de detenção onde participaram mais de 1.500 prisioneiras. Em seguida, reuniu-se com os funcionários, voluntários, capelães da prisão e seus colaboradores dentre os quais o Visitador de Turim, o Padre Erminio Antonello, biógrafo da Bem-aventurada, a Visitadora de Turim, as Irmãs que trabalham na prisão e outras Filhas da Caridade, os agentes da polícia penitenciária e as autoridades da Casa de detenção, inclusive o diretor que tinha feito restaurar a Capela para tornar o lugar mais digno. Na ocasião, para a escolha da cor das paredes, um detento decorador tinha sugerido: *“Minhas Irmãs, a Capela deve ser pintada de branco porque aqui é que o Senhor vem: o lugar deve estar limpo e luminoso como é a cor branca”.*

A Capela da prisão não podendo conter a multidão dos participantes, a celebração deste patronato foi realizada na esquina de dois corredores; ao lado do altar foi exposto um quadro de Irmã Nicoli sorrindo e com sua corneta branca. Este quadro inspirou o Cardeal em sua homilia. Durante a oração dirigida à Bem-aventurada, a Visitadora, Irmã Maria Pia Bertaglia, apresentou este quadro; o Cardeal o abençoou e o mesmo foi colocado na Capela sobre um pedestal decorado com um tapete bordado à mão por uma agente da Polícia de Cagliari.

As pessoas presentes ficaram emocionadas e cheias de alegria. No fim da celebração, as Irmãs distribuíram imagens e folhetos de Irmã Nicoli. Algumas prisioneiras disseram: *“olhando o rosto de Irmã Nicoli, sentimo-nos animadas a fazer bem, seus olhos são como uma luz para nossa vida e um convite à confiar em Deus”.*

Sim, agora Irmã Giuseppina voltou ao lado das prisioneiras; ela está aqui para sempre como desejara e escrevera a seus pais depois de seu último dia na prisão: *“Digo-lhes sinceramente que teria permanecido sempre aqui para encorajá-las, sentia tanta pena delas”.*

Irmã Maria Ida CISLAGHI  
*Filha da Caridade*

## TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Roma

### **Um coro unânime de louvores: Obrigada, Virgem bendita!**

No dia 8 de setembro de 2009, depois do almoço, vemos da janela da Casa provincial que o parque do Pineto, situado a alguns metros da casa, queima perigosamente. O vento sopra as chamas que invadem os matos secos, os arbustos, as árvores. Logo, chamamos os bombeiros que chegam muito depressa com a polícia, a proteção civil, os voluntários, que são quase todos nossos vizinhos de casa, e também, fotógrafos e jornalistas.

Os bombeiros nos pedem para sair imediatamente. Mas, queríamos ir até as nossas 40 Irmãs idosas da enfermaria: *“Não se preocupem, grita o responsável, nós cuidamos delas; saiam pra fora, na rua, pelo portão de saída. Saiam, imediatamente; fora, depressa!”*

O perigo é grande, os bombeiros se apressam rumo a enfermaria, as Irmãs e o pessoal da casa levam as cadeiras de rodas, as macas, as bengalas inglesas, tudo o que pode ser útil para escapar do perigo. Não é fácil realizar uma tal operação dentro de poucos minutos porque, no início da tarde, a maior parte das Irmãs idosas e doentes estavam em seus leitos.

Uma corrida frenética começa para conduzi-las ao jardim que, até o momento, estava fora do alcance do fogo. Rápido, um vento impetuoso empurrou as chamas para o muro e começaram a atingir as sessenta árvores que foram todas destruídas. As chamas aumentam a aproximadamente quarenta metros do muro. Ficamos apavoradas. Os tubos externos de metano estavam a poucos metros. Se o fogo os alcançasse, seria desastre. Felizmente, alguns helicópteros lançavam poderosos jatos de água sobre o fogo e afastaram o perigo. As chamas diminuíram, inclusive, as que poderiam ter alcançado o estacionamento onde estavam uma dezena de carros. Não ousamos imaginar o que poderia ter acontecido. Foi um verdadeiro milagre! Alguns voluntários se dirigiram ao grupo das Irmãs idosas e as comunicaram a boa notícia: todo o perigo foi afastado. Obrigada, Virgem Maria.

Contudo, não pudemos entrar logo na casa. Aproximadamente três horas depois, pudemos entrar na casa, abrir as portas e as janelas para arejar. Claro que, a Casa provincial sofreu alguns danos: mais de 60 árvores foram destruídas, as venezianas quebradas, as janelas deformadas, as vidraças soltas, alguns metros do tubo subterrâneo de metano foi danificado, tudo deve ser restaurado, porém o mais importante é que não houve vítimas. Agradecemos de coração os bombeiros e os policiais, oferecendo-lhes uma Medalha milagrosa.

*Obrigada Virgem Bendita! Vimos tua proteção e nos lembramos de tua palavra a Catarina Labouré: “A Comunidade eu a amo, estou convosco, sou vossa Guardiã.*

Irmã Maddalena CASTRICA  
*Filha da Caridade*

## A PALAVRA DOS POBRES

Província da Venezuela

*“Uma Irmã irá dez vezes ao dia visitar os doentes,  
e dez vezes por dia encontrará Deus neles”.*

No ano de 2.000 mais ou menos, eu fazia a catequese familiar na Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, perto da Casa Provincial onde estou colocada. A família Lopez, membro do grupo de Catecumenato é formada pelos pais, a avó e dois filhos dentre os quais Nelson, inscrito no catecismo da 1ª comunhão. Na catequese familiar, é previsto que as famílias participem de uma reunião por semana e de alguns tempos fortes. Na primeira reunião familiar, a mãe não estava presente. Por isso, preocupei-me com Nelson; ele me disse que ela estava doente. Na semana seguinte, ela estava ausente outra vez. No final da reunião, Nelson me disse: “Mamãe, não pode comparecer às reuniões, ela é inválida e não pode mais falar”. A resposta me transtornou. (Eu mesma perdi a voz 4 vezes, depois de uma operação cirúrgica). Prometi ao Nelson que ia visitar sua mãe. Fui à sua casa nesta mesma semana e a encontrei de cama, imóvel, sem voz, mas com um olhar extraordinariamente brilhante e um espírito totalmente lúcido, capaz de se fazer entender. No entanto, o movimento dos olhos foi o único que ela manteve, apesar de seus dez anos de doença. A partir deste dia, nós nos tornamos amigas.

Ao retornar, contei à Comunidade o que vivi. As Irmãs se interessaram à doente e ao filho. Algumas Irmãs da Comunidade e do Seminário foram visitá-la. Para todas, cada encontro é como um encontro com Deus. Somos sempre acolhidas com alegria, atenção e espírito de fé. Esta família parece ter um carisma especial face ao sofrimento, uma caridade sem limites. Nunca vi esta mãe, nem Nelson de mal humor ou impacientes. Nunca escutamos lágrimas angustiantes nem reclamações por causa de algo ou contra alguém. Seu marido é também muito amoroso e atento à sua esposa. Ele é seu enfermeiro por vocação e por amor.

Com eles, aprendemos a doar nossa vida na alegria; lendo o amor desta mãe pela Santa Comunhão, compreendemos melhor o que significa a Eucaristia. Jesus, Pão da Vida, comunica-lhe sua força e seu amor para que por sua vez, ela se torne “Pão da Vida” para sua família.

Desde o início da doença, ela havia pedido para receber a Comunhão. Uma senhora catequista levava a comunhão todas as semanas. Quando esta catequista faleceu, a Comunidade se organizou para assumir esta tarefa. Quando chegou a minha vez de ir levar a comunhão, observei que, desde a minha entrada, o seu olhar se fixou na custódia que eu levava e seu rosto parecia estar iluminado. Ela sempre recebe a comunhão com uma grande alegria e participo com intensidade na ação de graças.

Olhando-a, penso frequentemente, nesta passagem do Evangelho onde Jesus diz: *“Eu sou a verdadeira videira, e meu Pai é o agricultor... todo ramo que dá fruto, ele o poda para que frutifique ainda mais”.* Ouso dizer que as limitações por causa de sua doença, a redução de seu corpo, o sofrimento das feridas, a impossibilidade de falar... tudo isto é o caminho pelo qual passa a fonte de água viva que a purifica e a configura ao Cristo, manso e humilde de coração.

Irmã Berenice JIMENEZ  
Correspondente dos Ecos

Santa Luísa de Marillac  
1591 - 1660  
História, Memória, Meditação

## Luísa de Marillac em seu tempo

As obras de Deus se fazem lentamente e, cada uma em seu tempo, marcadas por sua sabedoria e sua providência.

Por ocasião das celebrações do Tricentenário da morte de São Vicente de Paulo e de Santa Luísa de Marillac, no livro memória *“Senhor Vicente vive ainda”*, algumas linhas do prefácio impressionam: *“é necessário admitir que a obra de Vicente de Paulo foi a criação das Filhas da Caridade... em sua escola, Luísa de Marillac, alma desprendida e transparente, não terá em sua vida outro motivo senão a caridade, fruto do Espírito Santo”*.<sup>1</sup>

Depois da morte do Senhor Le Gras, será necessário oito anos para deixar Deus amadurecer seu plano na alma e no espírito de Luísa. Ele toma um tempo bastante longo para estudá-la humanamente e espiritualmente, porque tinha tendência à perfeição, mas também crispação de todo o seu ser. Ele quis ajudá-la a libertar-se de si mesma, permanecendo o servo humilde no Espírito Santo. Simplesmente, ele a convida *“a ser a querida filha de Nosso Senhor, humilde, submissa e cheia de confiança, e a esperar sempre com paciência a evidência de sua santa e adorável vontade”*. O tempo da provação será longo... longo, para Luísa, enquanto o Senhor Vicente esperava pacientemente os sinais de Deus. Pelas cartas do Senhor Vicente, Luísa é informada sobre a atividade caritativa dos Missionários e é Abelly quem nos relata que um dia a Senhora Le Gras comunicou ao Senhor Vicente *que ela se sentia fortemente sensibilizada em suas orações para doar-se ao serviço dos pobres*. Ele ficou feliz! A resposta não demorou *“sim, certamente, por que dizer não...”*<sup>2</sup>. Contudo, isto não será de imediato, ele quer levar Luísa a uma desistência de sua vontade própria, sem voltar-se sobre si mesma, **não passar à frente da Providência**, segundo suas próprias inclinações. No ano seguinte, 1629, a Providência de Deus fez sinal aos dois.

### *“Ide pois, por Deus”*

O mandato dado por Padre Vicente a Luísa é evidente: **“Ide”** e ela parte, encarregada de visitar as Caridades cujas Senhoras eram as animadoras. **Ela vai...** enfrentar as incertezas e os acidentes da estrada. Aldeias ou lugarejos no campo, nos arredores de Paris e, mais tarde a Champanha e outros lugares, por toda parte ela vê a miséria, a ignorância, mas também os benefícios do espírito de caridade.

**“Visitadora das caridades”**<sup>3</sup>, diz seu primeiro biógrafo. Quando chegava numa localidade, ela reunia as mulheres que estavam associadas na Confraria da Caridade, que Padre Vicente tinha criado por ocasião de suas Missões; dava-lhes as instruções necessárias para cumprir bem esta missão, encorajando-as pelo fervor de suas palavras, trabalhava para aumentar o número destas, animava o que estava frio, erguia o que estava caído, consolidava e aperfeiçoava o que era estabelecido. Os relatórios destas visitas são objetivos e claros, e entregues ao Senhor Vicente.

A experiência ensina a Luísa que o bem não é sempre apreciado ou mal visto. Em vários lugares, são os párocos que pensam que esta mulher interfere em sua função, ou até mesmo o Bispo, que vê com maus olhos uma parisiense, enviada com uma autoridade desconhecida. A experiência não está perdida. Padre Vicente, depois de refletir, aconselha: pedir desculpas, retirar-se e mesmo voltar aos domicílios sob sua ordem se for necessário. Luísa faz também a

experiência que ela vive o Evangelho em seu interior, o que ela faz “**é a Deus, na pessoa de Cristo**” encontrado neles. Padre Vicente lhe dava as orientações indispensáveis, mas lhe deixando toda liberdade para melhorar os regulamentos a fim de que os pobres fossem bem servidos. Este contato direto com os pobres, a observação atenta das suas necessidades, a diversidade dos apelos, a descoberta das carências a nível do serviço são os sinais precursores da missão que lhe será confiada mais tarde, da parte de Deus e dos homens. Padre Vicente se alegra, mas a mantém numa sábia reserva: “*Nosso Senhor, sobre os passos do qual vós caminhais, será aquele quem proverá isso. É necessário deixá-Lo cuidar e permanecer em paz*”.<sup>4</sup>

Padre Vicente completava a missão com a fundação de uma Caridade. Paris se honrava, como primeira Caridade da paróquia São Salvador; São Nicolau de Chardonnet foi a segunda, outras seguiram. O encontro com as Senhoras, sob a orientação do Senhor Vicente, foi a principal tarefa de Luísa. Rapidamente, ela é reconhecida como modelo e fonte. Sua cultura humana e, maior ainda, sua cultura religiosa, permitiram-lhe oferecer uma ajuda eficaz ao funcionamento das Caridades, da qual uma parecia desmorronar-se, segundo o próprio Vicente. Luísa se sente comprometida.

Ela revisa o regulamento inicial, o fim para o qual a Confraria da Caridade deve ser instituída:

- o patrono da Confraria será Nosso Senhor Jesus Cristo.
- ela será formada por um certo número de mulheres e Irmãs... com o consentimento dos maridos ou dos pais.
- as oficiais terão a direção da dita Confraria com a opinião do Senhor Vigário, da Diretora, das Assistentes que servirão de Conselho à Diretora, do dever de cada serva dos pobres, da maneira como as Servas dos Pobres farão para servi-los... alimentar os doentes... da caridade entre elas... da eleição das oficiais e da prestação das contas<sup>5</sup>.

As visitas revelam a Luísa as realidades concretas diante das quais lhe parece que seria necessário reagir. Padre Vicente é informado por seus relatórios feitos com minúcia, perspicácia para assinalar as necessidades. A colaboração se estabelece numa confiança total e recíproca, Padre Vicente dirige os esforços de Luísa de Marillac, recolhe também com alegria suas opiniões e considera, modera seu ardor para trabalhar especificando: “*Penso que é conveniente reuni-las todas, que juntas leiam o regulamento e tentem pôr todas estas coisas em prática conforme o regulamento, que é diferente dos outros para o que é o segundo estabelecimento, mas poderá compará-los, se achar bom, com a prática dos outros lugares, e tente a decidirem-se a fazer o mesmo, notadamente em relação à perpetuidade das Irmãs...*”<sup>6</sup>

Luísa tenta finalizar todas as coisas de acordo com as indicações de Padre Vicente, ou de acordo com seu próprio gênio de organização, o que lhe valerá uma felicitação “espontânea” da parte de Padre Vicente: “*Vós sois uma mulher forte por ter assim ajustado o regulamento da Caridade e acho bom*”<sup>7</sup>. Não houve continuidade. Ele tinha confiado a Luísa esta Caridade que ele havia fundado e que estava em dificuldades porque ele não podia acompanhar por falta de tempo. Com um domínio particular para a aplicação do regulamento, Luísa repôs tudo em ordem.

### **Senhor Vicente, diretor espiritual**

Padre Vicente não esquece que ele é **o diretor espiritual de Luísa**. No fim do ano de 1630, Miguel de Marillac, ex Ministro da Justiça, é detido em Châteaudun. Ela que o amava ternamente desejava ir vê-lo na prisão e Padre Vicente não o julga muito apropriado: “*... para o Senhor de Marillac, quero tudo o que achardes bom, mas tomai cuidado para não embarçá-lo. Parece-me, nestas coisas, que é necessário estar disposto a seguir somente a opinião daquele com quem nos aconselhamos e quando ele vos disser algo contra vosso sentimento, não será necessário voltar a isso duas vezes. Portanto, faça o que Nosso Senhor vos sugerir*”. Luísa renuncia à visita e contínua as visitas das Caridades. Depois dos fortes choques, o Senhor Vicente anima, preocupa-se com sua saúde: “*... Cuidai bem de vossa saúde, e não poupai nada para vos alimentar durante vosso grande trabalho; tenho sempre a impressão de que não comeis bastante*”.<sup>8</sup>

Mas as numerosas ausências de seu diretor durante o ano de 1632 tornam mais difíceis a superação de suas penas interiores. Padre Vicente compreende: *“eis-me aqui vosso vizinho desde o meio-dia... se amanhã, logo depois de jantar, convêm-lhe tomar o tempo de vir aqui, retomaremos de viva voz o que nos escrevestes... P.S. Posso apenas dizer-vos que eu me proponho de bem repreendê-la amanhã, do que vos deixardes ir assim nestas vãs apreensões<sup>9</sup>. Oh! Preparai-vos para ser bem repreendida”*.

Mais tarde, quando Luísa estará preocupada com alojamento, o seu diretor lhe responderá com sua clareza habitual: *“... peço-vos comunicar-me se vós encontrastes um alojamento, e onde o conseguistes, talvez, pensais que tenho alguma razão que vos diz respeito pela qual penso que não é conveniente que habiteis nestes bairros; Oh! Não, este não é ao caso, asseguro-vos. Mas ei-la: estamos no meio de pessoas que olham e julgam tudo; não nos veriam entrar três vezes em vossa casa sem encontrar motivos para falar e tirar consequência que não se deve repetir onde que eles vão, não é que nós os observamos, assim somente aquele que tem o poder de fazê-lo. Quando terei a ocasião de vos ver, falar-vos-ei sobre isso mais particularmente”<sup>10</sup>*.

O caminho espiritual de Luísa, feito de agitações, dúvidas, tormentos, angústia e de aflição incrível, esclarece-se com o tempo. Padre Vicente a conduz à sua nova vocação, a esta dedicação aos pobres por amor a Cristo. Neste dom total de si mesmo por seu próximo, Luísa reencontra progressivamente seu equilíbrio, remete seu coração à vontade de Deus e não se deixou desviar de sua tarefa por causa dos tristes acontecimentos vividos por pessoas queridas. Ela visita as Confrarias, as Caridades no campo, com isso, alcança lentamente a clareza e esta retidão de espírito que ela só pode encontrar à luz de Deus e da tranquila segurança da divina Providência. Luísa sabia que as Caridades precisavam de pessoas capazes de servir e preparadas para sua tarefa; o sinal veio de Deus através de Margarida Naseau.

### Margarida Naseau

*“... primeira Irmã que teve a felicidade de mostrar o caminho às outras, tanto para ensinar as jovens quanto para assistir os pobres doentes, embora ela não tenha tido outro mestre ou mestra senão Deus”<sup>11</sup>*.

Como isto aconteceu? Padre Vicente havia fundado algumas Caridades na cidade de Paris. Algumas Senhoras tiveram este mesmo desejo de assistir os pobres da paróquia, mas quando chegou a hora de agir, elas foram impedidas por diversas razões, de prestar-lhes os serviços humildes e difíceis. Abelly explica as modalidades de sua assistência aos pobres: *“Elas enviavam suas domésticas para substituí-las e realizar os serviços. Frequentemente, acontecia que elas não tinham mais habilidade, nem afeição para bem cumprir com suas obrigações. O que fez ver que era absolutamente necessário ter servas que seriam usadas apenas para servir estes pobres doentes, e lhes distribuir cada dia, o alimento e os remédios, de acordo com a exigência de sua doença. Desde 1630 foi proposto ao Padre Vicente, o qual após ter pensado nisto diante de Deus, reconheceu a necessidade deste auxílio”<sup>12</sup>*.

A Providência, uma vez mais, conduz Padre Vicente, fazendo-lhe falar com Margarida Naseau! Ele relata o fato na Conferência de 24 de fevereiro de 1653: *“Não tinha pensado nisto e, por consequência, foi Deus quem fez isto por si mesmo”*.

Os Arquivos da cidade de Suresnes produziram um documento bem elaborado quanto ao progresso da vida de Margarida e à origem de seu nome, especificando: *“Ela se chamava de acordo com Padre Vicente, Margarida Naseau”*.

Quando Padre Vicente a viu pela primeira vez? Os textos não falam sobre isso, a não ser que uma Caridade tinha sido estabelecida em Saint-Cloud, perto de Suresnes e que Luísa de Marillac se encontrava lá em fevereiro de 1630. Padre Vicente escreveu-lhe em 19 de fevereiro de 1630 e termina sua carta perguntando *“se esta boa jovem de Suresnes que veio ter convosco outro dia e que se dedica a ensinar algumas jovens, foi vê-la, como me prometera domingo passado, estando aqui?”<sup>13</sup>*. Depois desta visita, Margarida partiu a Villepreux. Ela ensinou lá algum tempo, deixou definitivamente sua paróquia de Saint-Leufroy quando soube que Padre

Vicente ia fundar em Paris um serviço para cuidar dos doentes e socorrer os pobres. Apesar de seu desejo de perseverar no ensino, diz: *“gostaria muito de servir os pobres neste serviço”*<sup>14</sup>.

Deus falou por este acontecimento. Margarida ajudará Luísa de Marillac, coloca-se a serviço na paróquia de São Salvador, foi enviada pouco tempo às paróquias de São Nicolau de Chardonnet, a São Bento, perto da Sorbona e voltou a São Nicolau de Chardonnet. A penosa existência que Margarida aceitou, influenciou sua saúde. Padre Vicente percebeu isso e, desde 24 de fevereiro de 1633, escreveu à Mademoiselle Le Gras: *“Quanto a Margarida, seria bom fazê-la ir ao médico cirurgião, caso o médico ponha dificuldade em ir lá, o Senhor Cotti tem facilidade e não obstante, penso que será bom fazê-la ir o mais cedo possível. O Senhor Bourdoise dará as orientações para isto; por bondade, fazei-a aceitar, ele sabe o que é preciso fazer...”*<sup>15</sup>. Não obstante, Margarida continua servindo. É Padre Vicente quem informa as Irmãs, bem mais tarde por ocasião das Conferências, sobre as origens da Companhia, falando de Margarida Naseau, sem chamá-la por seu nome: *“Por esta ocasião as Senhoras da Caridade de São Salvador, como eram pessoas de condição, procuravam uma pessoa que quisesse levar a panela aos doentes. Esta pobre menina veio procurar a Mademoiselle Le Gras, que lhe perguntou o que sabia fazer, de onde era, se queria servir os pobres. Aceitou de bom grado. Ela veio, portanto para São Salvador. E ensinaram-lhe a dar os remédios e a prestar todos os serviços necessários, e foi muito bem sucedida... Chamada para o estabelecimento da Caridade na paróquia de São Nicolau de Chardonnet, deitou-se ao pé de uma menina atacada pela peste, contraiu a doença e foi levada para o hospital São Luís, onde morreu”*<sup>16</sup>.

Na conferência necrológica das primeiras Irmãs, Padre Vicente, apresentando Margarida Naseau, termina a conferência com estas palavras: *“Atingida por esta doença, ela despediu-se da Irmã que estava com ela, como se tivesse previsto sua morte e foi para o hospital São Luís, com o coração cheio de alegria e de conformidade com a vontade de Deus”*<sup>17</sup>.

### **A Caridade precisa de servas... as Caridades esperam por ela**

Impelida pelo Espírito de Deus, Margarida coloca-se à disposição de Luísa de Marillac. Através de alguns encontros, ela lhe fala sobre seu serviço com as meninas pobres, sem escolas, junto das adolescentes e mesmo algumas jovens foram iniciadas na leitura. Todo este trabalho era motivado pelo amor a Deus. Encontrando Padre Vicente por ocasião de uma missão, ela lhe conta sua história de vida: *“Padre, comecei a ler assim. Tinha grande desejo de ensinar a outras meninas do campo que não o sabiam, isto seria bom? Sim, respondeu-lhe Padre Vicente, aconselho-vos”*.

Ela seguiu o conselho, as lições deviam ser interessantes a tal ponto que alguns alunos a imitaram e iam até outras aldeias para levar este pequeno conhecimento às meninas. Quanto a Margarida, ela se doava inteiramente em sua tarefa de professora de escola, preocupando-se pouco de si mesma, chegando a privar-se do necessário para permitir aos jovens fazerem alguns estudos e prepararem-se ao sacerdócio, ao qual vários seguiram a vocação.

Contudo, apesar dos sucessos de seu apostolado de professora, houve uma reviravolta em sua vida. Ela soube que em Paris, havia uma Confraria da Caridade para os pobres doentes. O Padre Vicente pregou uma Missão fora de Paris. Margarida se confessou com ele e falou-lhe de seu desejo: *“Gostaria muito de servir os pobres desta maneira”*. As Caridades precisavam de servas, de jovens livres, voluntárias, disponíveis. *“Foi Deus quem quis assim, diz Padre Vicente, para que ela fosse a primeira Filha da Caridade, serva dos pobres doentes da cidade de Paris”*.

Ela veio servir os pobres em São Salvador. E ensinaram-lhe a dar os remédios e a prestar todos os serviços necessários, e foi muito bem sucedida. Outras jovens, aquelas que Margarida Naseau tinha ajudado se despojarem-se de todas as vaidades do mundo e a entrarem na “devoção”, se apresentavam. Elas eram confiadas a Luísa de Marillac que na chegada lhes orientava a fazer um retiro de quatro dias, seguindo as indicações de Padre Vicente. Terminado o retiro, as Jovens eram colocadas numa Confraria. Padre Vicente cuidava de uma certa maneira da

formação delas, recomendando-as ao clero paroquial. Margarida era a alma da Confraria de São Salvador. Rapidamente orientada por Luísa de Marillac em relação a todas as necessidades do serviço dos pobres, ela deixou a paróquia de São Salvador para trabalhar em São Nicolau, depois em São Bento. *“Nas paróquias mostrou-se tão caridosa como no campo, dando tudo quanto tinha, quando se apresentava a ocasião”*<sup>18</sup>.

Na conferência sobre as virtudes de Margarida Naseau, Padre Vicente declara: *“Margarida Naseau, de Suresnes, foi a primeira Irmã que teve a felicidade de mostrar o caminho às outras, tanto para ensinar as meninas, como para assistir aos pobres doentes, embora quase não tivesse tido outro mestre ou mestra senão Deus”*<sup>19</sup>.

Este caminho era familiar a Luísa de Marillac. Ensinar fazia parte de suas visitas nas diferentes Confrarias, até redigir seu catecismo para memória, fundar escolas para as crianças pobres, ensinar a fé, cuidar dos pobres doentes: ela orientava, formava as principiantes à tarefa concreta como Margarida Naseau *“para a glória de Deus”*.

Luísa de Marillac, sempre centrada na *“Luz de Pentecostes”*, responde aos apelos de Deus unindo-se fortemente a Ele: *“Preciso praticar uma humildade muito grande e uma desconfiança de mim mesma, abandonando-me continuamente à Providência... ajudar o próximo em tudo o que puder, tanto às almas como aos corpos, pelo amor que Deus nos tem a todos igualmente”*<sup>20</sup>.

Irmã Claire HERRMANN,  
*Filha da Caridade*

## Notas

<sup>1</sup> Gal 5, 22

<sup>2</sup> Cópias textuais, carta de 26 de julho, p. 28

<sup>3</sup> Gobillon IV, 35

<sup>4</sup> Coste I, 218

<sup>5</sup> Livro cinza p. 704-706 – Luísa de Marillac, seus escritos

<sup>6</sup> 19º Carta 1630 – Cópias textuais p. 26

<sup>7</sup> 22º Carta – Cópias textuais p. 30

<sup>8</sup> Junho de 1632, Cópias textuais

<sup>9</sup> Padre Vicente tinha deixado a residência dos Bons-Enfants por São Lázaro

<sup>10</sup> Coste I, p. 316; 41º Carta das cópias textuais

<sup>11</sup> Conferência de Padre Vicente, julho de 1642

<sup>12</sup> Abelly Livro I, capítulo IX, p.3

<sup>13</sup> Conferência de Padre Vicente, 13 de fevereiro de 1653

<sup>14</sup> 25º Carta das Cópias textuais – Arquivos da Casa Mãe. Coste I, p. 187

<sup>15</sup> Coste IX, p. 601

<sup>16</sup> Arquivos da Casa Mãe, M DEF 2, p. 101, julho de 1642 – Manuscrito

<sup>17</sup> Coste I, p. 187

<sup>18</sup> Conferência sobre as virtudes de Margarida Naseau, julho de 1642, p. 53

<sup>19</sup> Conferência sobre as virtudes de Margarida Naseau, julho de 1642, p. 52

<sup>20</sup> Escritos Espirituais, M 40bis, p. 776.



Influência mútua de Vicente de Paulo  
e de Luísa de Marillac  
sobre a natureza da Companhia

**ELAS NÃO SÃO RELIGIOSAS**

Quando Luísa de Marillac reuniu em sua casa estas jovens, nem ela nem Vicente de Paulo pensaram que estavam dando início a uma Companhia de mulheres consagradas. Mas, alguns meses depois, eles já tomaram precauções para que este grupo de mulheres celibatárias que viviam em comunidade, na pobreza e obediência, não fossem consideradas como religiosas, senão as imporiam a clausura e... adeus serviço dos pobres.

Naquele tempo, o ideal religioso coincidia com a busca da santidade pessoal através de uma vida contemplativa separada do mundo. Para alcançar este objetivo, a Igreja aplicava a clausura a todos os conventos femininos. Clausura que favorecia não somente o caminho em busca da santidade, mas também preservava as religiosas dos reais perigos morais.

No tempo do Papa Bonifácio VIII, a lei da Igreja obrigava as religiosas a observar uma clausura rígida. O Concílio de Trento, embora não tivesse ainda sido admitido oficialmente em França, aparecia como a autoridade mais firme para a reforma da Igreja e um farol contra os Huguenotes. Ele exigia que estas leis fossem estritamente observadas. O Papa Pio V foi ainda mais exigente, ele tinha declarado que as Congregações femininas que não observassem a clausura, não poderiam receber novas noviças, condenando-as a desaparecer. Completando a legislação, a Igreja decidiu que para ser religiosa, era necessário emitir os votos solenes (públicos) que obrigavam a clausura. Aquela que não professasse votos solenes, não era religiosa e nem obrigada a viver a clausura. Mas, naquele tempo, nenhuma Congregação poderia emitir votos que não fossem solenes.

A confraria que Vicente de Paulo e Luísa de Marillac querem fundar não é fácil de compreender. A rigidez canônica da Igreja tornava impossível a criação de novos Institutos de vida consagrada dedicados ao apostolado e a caridade. Mas, eles conseguem.

**RESPOSTAS A ALGUNS PROBLEMAS**

A fundação das Filhas da Caridade é uma resposta a uma preocupação constante da Igreja: responder às necessidades sociais de cada época. A mulher consagrada a Deus é uma energia potencial; uma das necessidades da sociedade é de resolver o problema dos pobres abandonados. O problema se apresentava de um modo triplo: como mulheres consagradas a Deus na oração, elas podem dedicar-se à atividade? Como mulheres consagradas a Deus em um convento, elas podem exercer a caridade no meio da sociedade? Enfim, como mulheres consagradas a Deus na Igreja, elas podem ser isentas do Ordinário do lugar?

Desde o século XII, estes três problemas se apresentam mesclados e exigiam uma resposta convincente. As mulheres da burguesia – originárias das cidades – provenientes de famílias abastadas, têm ideias de uma grande força inovadora, no entanto, em geral, não lhes davam a direção dos conventos, que eram o benefício dos nobres. Para muitos deles, o convento é um lugar de vida religiosa, mas também considerado como uma situação social à imagem de outras ocupações da sociedade civil.

Esta maneira de considerar a consagração a Deus nos conventos e mosteiros nos Séculos XIII e XIV levou muitas mulheres pobres, que não podiam se constituir um dote para se consagrarem a Deus, viviam a castidade e a pobreza em casas particulares e se dedicavam às obras de caridade. Assim, nós encontramos um movimento feminino que a história chamou

“mulieres religiosas”, “semireligiosas”, ou com um nome mais atual: as *beguinas*. Elas se expandiram fortemente nos Países Baixos, Alemanha e no norte da França. Sob acusações próprias da época, elas foram obrigadas a fechar-se na clausura e aquelas que não obedeceram, foram perseguidas por censuras eclesiásticas.

Mas nem a situação, nem o problema dos pobres foram resolvidos e continuaram ao longo dos séculos. Com a finalidade de atender os pobres, várias congregações sem votos solenes, foram fundadas no século XVI e XVII. Mas quando Leão X, em 1521, codificou as regras das Ordens Terceiras e que Pio V redigiu a Constituição “Circa Pastoralis”, a maioria evoluiu para o claustro. Aquelas que não quiseram esta forma de vida, desapareceram como instituição. São Vicente e Santa Luísa conheceram muitas destas Congregações.

## AS CARIDADES E AS FILHAS DA CARIDADE.

É verdade que as Filhas da Caridade começaram sendo uma das Caridades fundadas por Padre Vicente. Embora ela fosse um pouco particular, como o será também a do Grande Hospital (Hotel-Dieu), é certo igualmente que as Caridades já existiam antes de São Vicente. As fraternidades das Corporações da Idade Média tinham evoluído lentamente. No início, elas tinham nascido para defender seus membros contra as intromissões. Em seguida, começaram a ajudar as viúvas e os órfãos dos artesãos e as famílias dos doentes, tornando-se, pois, confrarias. Elas se colocaram sob a tutela de um santo Patrono e ampliaram o campo de sua ajuda a todos os pobres, embora não fizessem parte da Confraria. Então elas tomaram o nome de “*Caridades*”. Entre os membros havia somente homens, porque naquele tempo, eles eram os únicos a ter uma personalidade jurídica.

Quando Vicente de Paulo chega a Châtillon, descobre que, para que a caridade seja eficaz, deve ser realizada em *grupo e organizada*. Ele funda uma Caridade na aldeia, como as que já existiam em outros lugares; uma vez, ele cita expressamente a Caridade de Roma (Coste XIII, p. 423). Mas, ele faz duas modificações e temos aí a prova de sua criatividade.

- Primeiramente, esta Caridade é formada apenas de mulheres<sup>1</sup>. Era uma audácia inconcebível numa época em que as mulheres eram excluídas *da cidadania civil, política e social* a não ser que fossem viúvas. Na mesma Caridade, associou as mulheres ricas e as trabalhadoras. As mulheres que tinham dinheiro para pagar as despesas, pois “*a experiência nos faz ver que é absolutamente necessário que as mulheres não dependam dos homens neste aspecto, sobretudo em relação ao dinheiro*” (Coste I p. 78-79), e as mulheres que trabalham, com um salário: - *as plantonistas dos pobres* – cuidarão dos doentes.

- Segundo, cada Caridade é plenamente autônoma, todas estão unidas e sua coesão não passou pelas dioceses. Elas devem esta autonomia à forte personalidade do Fundador e ao fato de que todas tinham um mesmo regulamento, porém adaptado às necessidades particulares de cada paróquia. Ao mesmo tempo, permanece plena a autoridade do ordinário do lugar, porque ele aprova a Caridade, o regulamento e os estatutos. É ele quem concede a personalidade jurídica e vela pela Confraria. Por sua vez, o pároco participa, preside a Caridade, assiste às suas reuniões com voz deliberativa, vela pelo seu bom funcionamento e propõe as atividades caritativas. São Vicente não preside nenhuma Caridade, exceto a do grande Hospital (Hôtel-Dieu) e a das Filhas da Caridade quando estas se reuniram para viver em comunidade.

A função de Vicente é de fundar as Caridades com a autorização do Arcebispo de Paris e da Santa Sé, redigir seu regulamento e visitá-las para encorajá-las ou corrigir possíveis divergências. Frequentemente, ele envia Santa Luísa ou um missionário<sup>2</sup>.

A Companhia das Filhas da Caridade é uma evolução destas Caridades de Padre Vicente. Quando os Fundadores pensaram em torná-la independente juridicamente, eles já encontraram o terreno preparado pelos diferentes movimentos femininos de caridade que permaneciam latentes no coração do mundo feminino, ainda no século XVII. Os dois Santos já conheciam as Ursulinas,

as Cônegas de Santo Agostinho, as Religiosas de Nossa Senhora, as Filhas de Santa Maria e sabiam que, todas elas tinham evoluído para o claustro fazendo votos solenes<sup>3</sup>. E certamente, sabiam também, que as Filhas de Mary Ward não o fizeram e foram quase completamente suprimidas.

Os dois Fundadores dialogam bastante e vão dando pouco a pouco uma forma moderna à primeira estrutura da Companhia cujos elementos então espalhados na sociedade cristã, mas que ninguém tinha tido ainda conseguido reunir. O Concílio de Trento os facilitou o caminho. Os dois santos viram que as Confrarias de Caridade deixadas aos Bispos eram um caminho possível para renovar o mundo e a Igreja através dos leigos. Vicente e Luísa colaboram com a Providência no momento certo, sem precedê-la nem atrasá-la. Eles sabiam ler os sinais dos tempos e tiveram a audácia de agir em consequência, a constância de não abandonar, a sabedoria para respeitar tanto a Igreja como as autoridades civis.

### **Criatividade e audácia**

Falando e trabalhando juntos, os dois Fundadores foram superando os obstáculos que vinham da mentalidade da Igreja oficial e da sociedade civil. Gradativamente, eles consolidam a nova instituição eclesial: a Companhia.

No Documento Interassembleias (2009-2015), os quatro Apelos com suas Respostas são idênticos ao projeto dos Fundadores para a pequena Companhia: eles falam que “*os pobres abandonados, expostos a todo tipo de necessidades. Eles são realmente atendidos pelos serviços destas boas jovens que, livres de todo interesse, doam-se a Deus para o serviço espiritual e material dessas criaturas a quem Sua bondade quer considerar como membros seus*”<sup>4</sup>. Ontem e hoje, a Companhia aparece como uma pirâmide de quatro faces: “Doadas a Deus, serviço dos pobres, vida comunitária e espírito próprio”. Animadas por um carisma que nós chamamos vicentino, todas sentem que *pertencem* a uma Instituição cujos membros são seculares e não religiosas.

*Doadas a Deus em castidade, pobreza e obediência,*

O Documento fala de enraizamento em Jesus Cristo. Os Fundadores diziam “*revestidas do Espírito de Jesus Cristo: humildade, simplicidade, caridade... que as Irmãs bebiam na oração e na Eucaristia (hoje acrescentaríamos a Palavra de Deus).*”

*Para o serviço corporal e espiritual dos pobres.*

São Vicente fez do serviço dos pobres a finalidade da Companhia (cf. Coste IX p. 583), mas as Filhas da Caridade não são as únicas a servi-los. Porque todo ser humano deve ser solidário aos seus irmãos, em particular os mais pobres e, com maior razão, os cristãos como Jesus o pede. Toda a história do cristianismo o ilustra e o Concílio Vaticano II o destaca fortemente<sup>5</sup>.

*Em comunidade fraterna.*

A comunidade das Filhas da Caridade foi uma verdadeira revolução na vida consagrada que, até então, não conhecia todas as exigências da vida em comum. As Irmãs saíam de casa para o serviço dos pobres, ao retornar, precisavam encontrar um ambiente tranquilo e amigável numa comunidade fraterna. A Constituição 12 cita a carta das Filhas da Caridade. Sabemos que Santa Luísa colaborou para isso, como escreve às Irmãs enviadas a Narbona: “*Devo dizer-vos, minhas queridas Irmãs, antes de chegardes a vosso destino, da alegria que é para mim ver-vos em vosso “claustro”, por esses caminhos, como se estivésseis no das ruas de Paris*” (Carta 628 bis p. 731). Antes, quando as religiosas entravam no convento, viviam sempre com as mesmas Irmãs. Cada uma na sua cela ou nos jardins, reuniam-se essencialmente para a liturgia e a refeição. As Beguinhas, viviam na mesma casa, ou em várias cabanas situadas num espaço comum (chamado

Beguina), não tinham Casa Mãe nem Regras comuns, nem Superiores. Cada beguina era livre para organizar sua vida e o serviço dos pobres.

O ideal comunitário da vida vicentina, é que as Irmãs vivam unidas, à imagem da Trindade, de acordo com o Regulamento que os Fundadores redigiram juntos em vista do serviço dos pobres. A vida fraterna era difícil, porque não eram elas quem escolhiam as coirmãs nem a comunidade onde seriam destinadas. Luísa forma as Irmãs para esta nova vida e as orienta através de suas cartas. O resultado maravilhoso revela o talento e a santidade desta mulher que não tinha modelo nem livro para se inspirar. Sua escola foi a oração, seu mestre o Espírito Santo com a ajuda de Vicente.

Os começos da vida comunitária não foram tão difíceis. As comunidades formadas, geralmente, por duas Irmãs, estavam bem próximas de Luísa. As dificuldades começam quando elas se distanciam de Paris, como por exemplo a Richelieu (L. 11 p. 20) e aumentam ainda mais quando, distantes de Paris, elas formavam comunidades com mais de cinco Irmãs, como em Angers e Nantes<sup>6</sup>.

### **PERTENÇA A UMA COMPANHIA SECULAR**

O elemento mais característico da Companhia é a *isenção do Ordinário do lugar por seu governo e sua vida interna, tudo isto sem deixar de ser uma Companhia secular*.

Durante vários anos, Luísa de Marillac se preocupa pensando que a Companhia poderia desaparecer, pois a mesma não era ainda reconhecida, oficialmente, pela Igreja nem pelo governo.

Em setembro de 1645, os dois Fundadores pensam que não havia mais o perigo de confundirem as Irmãs com as religiosas; então, pedem ao Arcebispo de Paris para erigir as Filhas da Caridade numa Confraria, diferente das Confrarias da Caridade, com personalidade jurídica e autonomia própria. Vicente explica o processo às Irmãs: *“Até agora não éreis um corpo separado das senhoras da confraria da Caridade; e agora, minhas Filhas, Deus quer que sejais um corpo particular, que sem estar todavia separado do das Senhoras, não deixa de ter os seus exercícios e funções particulares”*<sup>7</sup>.

Para fixar a natureza jurídica das Filhas da Caridade, Vicente (licenciado em direito) procura ver como respeitar um texto do Concílio de Trento, confirmando o IV Concílio de Latrão e a *Constituição Quaecumque* de Clemente VIII. Vicente redige um Pedido e envia a Luísa para que a mesma desse sua opinião. Ela fica chateada ao ler que a Companhia ficaria sob a autoridade do Arcebispo de Paris. Algumas razões provocam esta divergência de opiniões entre eles. Vicente não quer que a Companhia seja suprimida, mas erigida no plano civil e religioso. Depois do Concílio de Trento, estava proibido erigir novas Congregações religiosas. Porém, os bispos tinham poder para aprovar confrarias piedosas ou caritativas, então, Vicente via nisso, o único caminho para o estabelecimento da Companhia. Mas, ele pensa que é impossível que o Arcebispo assine o decreto de ereção se a Companhia dependia de um padre, embora este fosse Padre Vicente. A ereção da Companhia seria aceita se esta dependesse do Arcebispo e, ao mesmo tempo, evitaria a oposição da Congregação da Missão para assumir a direção de uma Companhia feminina<sup>8</sup>.

Com sua delicadeza feminina, Luísa se opõe firmemente a esta dependência. Realista e observadora, ela vê a situação de suas filhas, sem cultura social nem religiosa. Conhecia sua psicologia e sua maneira de viver, ela sabe que estas camponesas muito simples precisam de padres bem formados. Ela temia também que, nas outras dioceses, as Irmãs sujeitas à autoridade do Arcebispo de Paris, não fossem aceitas. Finalmente se elas dependessem dos Bispos, cada um

deles poderia dirigi-las a seu modo e introduziria, assim, a divisão na Companhia. Luísa pensa que os Padres da Missão fundados por Vicente de Paulo têm os mesmos objetivos, um carisma e um espírito semelhante. A Congregação da Missão desfruta do prestígio de seu Fundador, além disso, muitos de seus membros emanam do clero secular. Por todas estas razões, Luísa prefere a supressão da Companhia se esta não depender do Superior geral da Missão<sup>9</sup>.

Vicente de Paulo pensou sobre o assunto durante um ano. Ele sabia que Luísa era inteligente e intuitiva, mas temia cometer um erro irreparável. Seria melhor esperar por uma manifestação mais clara da vontade de Deus.

### ***Aprovação mal sucedida da Companhia***

No outono de 1646, Vicente de Paulo decidiu enviar o pedido ao Arcebispo (Coste II, p. 548...), pedindo-lhe que erigisse a “*Confraria da caridade das Servas dos pobres doentes das paróquias*” em Confraria independente das Senhoras da Caridade. O Arcebispo coadjutor de Paris, Jean-François-Paul de Gondi a aprova no dia 20 de novembro de 1646<sup>10</sup>. O Rei Luís XIV, ainda menino, deu sua aprovação e entregou as Cartas Patentes ao Procurador geral, Blaise Méliand para registrá-las no Parlamento de Paris, sem este requisito, não teria valor jurídico a aprovação do Arcebispo e nem a do Rei.

A cláusula tão temida estava bem clara: “*A Companhia estará perpetuamente sob a autoridade e dependência do senhor Arcebispo e de seus sucessores*” (Coste XIII, p. 558). Evidentemente, havia uma outra frase ambígua que coloria esta cláusula: ao “*nosso querido e amado Vicente de Paulo... confiamos e entregamos o governo e a direção dessa sociedade e confraria o quanto queira Deus conservar-lhe a vida*”. Mas, e depois de sua morte?

Apesar de todo respeito e submissão que tem por Vicente, Luísa vê claramente o perigo que ameaça. Alguns dias depois, ela o escreve: “*Esses termos de dependência tão absoluta do senhor Arcebispo, não poderiam prejudicar-nos, no futuro, dando liberdade de subtrair-nos da direção do Superior geral da Missão? Não é necessário, senhor, que mediante este documento de aprovação, vossa caridade nos seja dado como Diretor perpétuo?... Em nome de Deus, senhor Padre, não permitais que nada se faça que deixe uma possibilidade, por pequena que seja, de separar a Companhia da direção que Deus lhe deu. Podeis ter a certeza de que, imediatamente, ela deixaria de ser o que é e os pobres doentes já não seriam socorridos. Assim, eu o creio, já não se cumpriria a vontade de Deus entre nós*” (L. 130 quater)

Esta carta interpela Vicente e somente em 30 de maio de 1647, depois de ter esperado mais de seis meses, ele comunica às Irmãs que a Confraria já estava aprovada pelo Arcebispo de Paris. Durante sua conferência sobre a observância das Regras, ele lê os documentos, em seguida, explica o nome de servas dos pobres, o artigo que fala do trabalho e aquele que se refere à castidade e ao silêncio.

No final de 1647, Luísa volta ao assunto com a obstinação que Deus dá quando ele quer algo: “*Parece-me que Deus colocou minha alma em grande paz e simplicidade durante a oração, de minha parte, muito imperfeita, que fiz sobre a necessidade de a Companhia das Filhas da Caridade permanecer sempre e sucessivamente, sob a direção que a Divina Providência aprouve conceder-lhe, tanto no que concerne ao espiritual como ao temporal. Nesta oração acredito ter visto que seria melhor para a glória de Deus, que a Companhia chegasse a desaparecer completamente, do que ter outra direção, já que isso parece seria contrário à vontade de Deus*” (L. 199, p. 268).

### ***Aprovação definitiva da Companhia***

Os dois fundadores sabem muito bem que a Companhia ainda não foi aprovada oficialmente, porque o Parlamento não registrou as Cartas Patentes do Rei. O Parlamento não as registrou porque o procurador geral, Blaise Méliand, não as tinha apresentado com a referência

“*eu o requeiro ou concordo*, afirmação necessária para poder registrar. Blaise Méliand quer proteger os interesses do Estado: se as Filhas da Caridade fossem religiosas enclausuradas, não teriam nenhuma renda para sobreviver e seriam um peso para a sociedade. Se elas fossem seculares, seria uma situação ainda desconhecida (L. 283 p. 317). Logo, começa o tempo da Fronda e alguns meses depois, Blaise Méliand morre. Nicolas Fouquet comprou o cargo de Procurador geral. Os Fundadores recorreram a ele, mas o mesmo não encontra as Cartas Patentes, provavelmente, desapareceram no tumulto da Fronda.

Uma circunstância política favoreceu o sonho de Luísa. O Arcebispo de Paris, o Cardeal de Retz, fugindo de Mazarino, estava em Roma. A Santa Sé pede aos Padres da Missão para acolherem o Cardeal na casa deles, o que o fazem. A Corte de Paris está em fúria e o Rei ordena a todos os Padres da Missão franceses para retornarem à Paris. Mas, alguns dias antes, Vicente de Paulo tinha enviado ao Cardeal todos os documentos para a aprovação da Companhia. Agradecido pelo acolhimento recebido, o Cardeal de Retz aprova a Companhia acrescentando uma modificação importante: ele confia a Vicente de Paulo “*o governo e direção da dita sociedade e confraria, durante sua vida, e, depois dele, aos seus sucessores gerais da dita Congregação da Missão*”. No dia 8 de agosto de 1655, a Companhia, contando com mais de 150 Irmãs, é erigida oficialmente. No dia 16 de dezembro de 1658, o Parlamento de Paris registra as Cartas Patentes que Luís XIV tinha assinado em novembro de 1657, aprovando a Companhia na França e em todos os países que dele dependiam<sup>11</sup>.

### **Originalidade da companhia**

Vicente sabe que o Ordinário do lugar delega um Padre para dirigir uma confraria, mas ele renuncia para sempre ao seu poder em favor dos Superiores de uma Congregação masculina, de acordo com as diretrizes do Concílio de Trento, era algo incomum. Além disso, os futuros Arcebispos de Paris aceitariam esta disposição? Os Bispos das outras dioceses não a rejeitariam? Neste caso, não haveria outra solução senão recorrer à Santa Sé. Vicente não buscava a aprovação pontifícia, porque as Filhas correriam o risco de serem aprovadas como religiosas enclausuradas ou serem suprimidas, como as filhas de Mary Ward.

O que Vicente e Luísa não conseguiram, os seus sucessores o obtiveram. Em 1668, o Cardeal Luís Cardeal de Vendôme, Núncio do Papa, passa por Paris e recebe os Superiores da Companhia e atende seus pedidos com bondade. Como representante de Sua Santidade o Papa Clemente IX, em 8 de julho de 1668, ele assina a aprovação papal: “*Nós aprovamos e confirmamos pela autoridade apostólica da qual estamos revestidos, a referida Comunidade ou Congregação, seu noviciado e suas constituições, tanto as do referido Vicente com as que foram elaboradas e aprovadas pelo referido Cardeal [de Retz]*” (Gênese da Companhia, p. 31). A Companhia aprovada oficialmente pelo Arcebispo de Paris, agora já tem o selo da Santa Sé. Mas, o mais curioso é que, sem ter feito o pedido oficial a Roma, como o IV Concílio de Latrão ordenava. A Companhia sendo de direito pontifício permanece sob a autoridade do Superior geral da Congregação da Missão.

Luísa estava bem consciente da realidade da situação da mulher no século XVII: raramente, ela poderia agir como uma pessoa livre no plano jurídico, a mulher era excluída da *cidadania política*, da *cidadania civil*, isto é, do direito de propriedade e de dispor de si mesma, da *cidadania social*, o direito de participação em igualdade com o homem na vida pública e nos bens sociais. Desde o seu nascimento, a menina tinha, pois uma situação social determinada, dependia de um homem: seu pai, seu marido, seu irmão, seu tutor. Mais tarde, quer estivesse solteira ou casada, a lei a considerava como menor; seu destino era ter filhos e cuidar das tarefas da casa. Para ser decente, a mulher, devia se casar, ou enclausurar-se<sup>12</sup>. A mulher solteira, com idade de se casar, era marginalizada e considerada como sedutora pelo duplo motivo: ser mulher e estar solteira. Lembremo-nos que quando Luísa quis pedir a instalação de uma fonte de água no

pátio da Casa das Filhas da Caridade, um dos argumentos eram as injúrias recebidas pelas Irmãs quando iam buscar água, porque elas não eram religiosas, nem casadas<sup>13</sup>.

Luísa era uma viúva da burguesia que devia defender os direitos de um filho menor de idade. Isto lhe dava uma certa autonomia e certos direitos em igualdade com os homens. Mas, devemos lembrar que o seu nascimento não tendo sido reconhecido, ela foi marginalizada pelas leis civis e familiares; ela percebe que pelo simples fato de ser mulher, estava sem defesa e procurava um apoio junto de Vicente de Paulo.

Em sua época, a fundação da Companhia das Filhas da Caridade foi uma revolução: mulheres de baixa condição assumiam responsabilidades reservadas até o momento aos homens ou às mulheres ricas, e estas mulheres de condição modesta chegavam até a dirigir muitas obras<sup>14</sup>, o que era inconcebível. Elas poderiam ser nomeadas “*Superioras*”, e isto unicamente por causa das suas qualidades pessoais e não por causa de seu título de nobreza.

Não é de estranhar-se que a nova Companhia preocupava o Procurador geral de Paris e que o tenente de Beauvais já tinha tentado proibir as reuniões das 300 Senhoras das Caridades fundadas na cidade, por um “*certo padre chamado Vicente*”<sup>15</sup>.

Numa outra conferência, Vicente dizia às Irmãs em 1658: “*Podereis dizer: “Eles são homens e nós somos meninas?” Sabei, minhas Filhas, que muitas pessoas do vosso sexo atravessam os mares para prestarem serviço a Deus, servindo o próximo*”<sup>16</sup>.

Padre Benito Martinez, cm

## Notas

<sup>1</sup> As poucas caridades mistas que eles fundaram não duraram muito tempo. “*Os homens e as mulheres juntos não se deram bem em matéria de administração; eles queriam assumir tudo, e elas não puderam suportar isto. As Caridades de Joigny e Montmirail foram governadas desde o começo por um e outro sexo ...mas porque havia a comunidade responsável pela bolsa, fomos obrigados a afastar os homens. E posso apresentar este testemunho em favor das mulheres, que nada tenho a redizer em sua administração, tanto elas tem cuidado e fidelidade*” (Coste IV p. 71).

<sup>2</sup> Coste II p. 1 – 2; XIII p. 444 – 464 – 489.

<sup>3</sup> Coste IX p. 583; X p. 113 – 114 – 124 – 144...

<sup>4</sup> Escritos espirituais Irmã Charpy L.9 p. 30

<sup>5</sup> Em particular Gaudium e Spes 2ª parte Cap. III § 2

<sup>6</sup> Escritos espirituais Irmã Charpy L. 104 bis p.112; L. 174 p. 195 – Coste III p. 174 a 180.

<sup>7</sup> Conferência de 30 de maio de 1647, p. 215

<sup>8</sup> Coste VIII p. 233 – 237 à 239; XII p. 86 – 87.

<sup>9</sup> Escritos Espirituais Irmã Charpy L.124bis – 130 quater

<sup>10</sup> Coste III p; 53...XIII p.557

<sup>11</sup> Coste V p. 269-275, 336; VI p. 21; XI p. 172...; XIII p. 569..., 572..., 578..., 285...; Documentos Irmã Charpy N° 613, 614.

<sup>12</sup> Ver Coste I, 316; IX, 590; X, 658-659.

<sup>13</sup> Documentos Irmã Charpy p. 826

<sup>14</sup> Escritos espirituais Irmã Charpy L. 547, 136, 174, 481,283, 333, 341, 368, 655; A 61; Coste IX p. 531-534.

<sup>15</sup> Escritos espirituais Irmã Charpy L. 283; Coste I, 95-96. Em nota, Coste cita Alphonse Feillet.

<sup>16</sup> Coste X p. 783

## ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES VICENTINAS

SOBRE OS PASSOS DE SÃO VICENTE DE PAULO

*Guia da França vicentina* (francês, inglês, espanhol)

John E. Rybolt, cm

Edições Nova Cidade, 475 paginas (30 € em livraria, 25 € na lojinha da M.M.)

LUIZA DE MARILLAC

*Espiritualidade vicentina* (francês, alemão)

Irmã Alfonsa Richartz, Filha da Caridade

Tipografia Corlet, 240 paginas (7 € na lojinha da M.M.)

LUÍSA DE MARILLAC

*Um pensamento por dia* (francês)

Irmã Elisabeth Charpy, Filha da Caridade

Edições Médiapaul, 101 paginas (5,50 €)

IRMÃ HÉLÈNE STUDLER, FILHA DA CARIDADE

*Nossa Senhora dos prisioneiros* (francês)

Senhora Annick Studler

(22 € na lojinha da M.M.)

## Cobertura

Ano Jubilar

do 350º aniversário

da morte

dos Fundadores